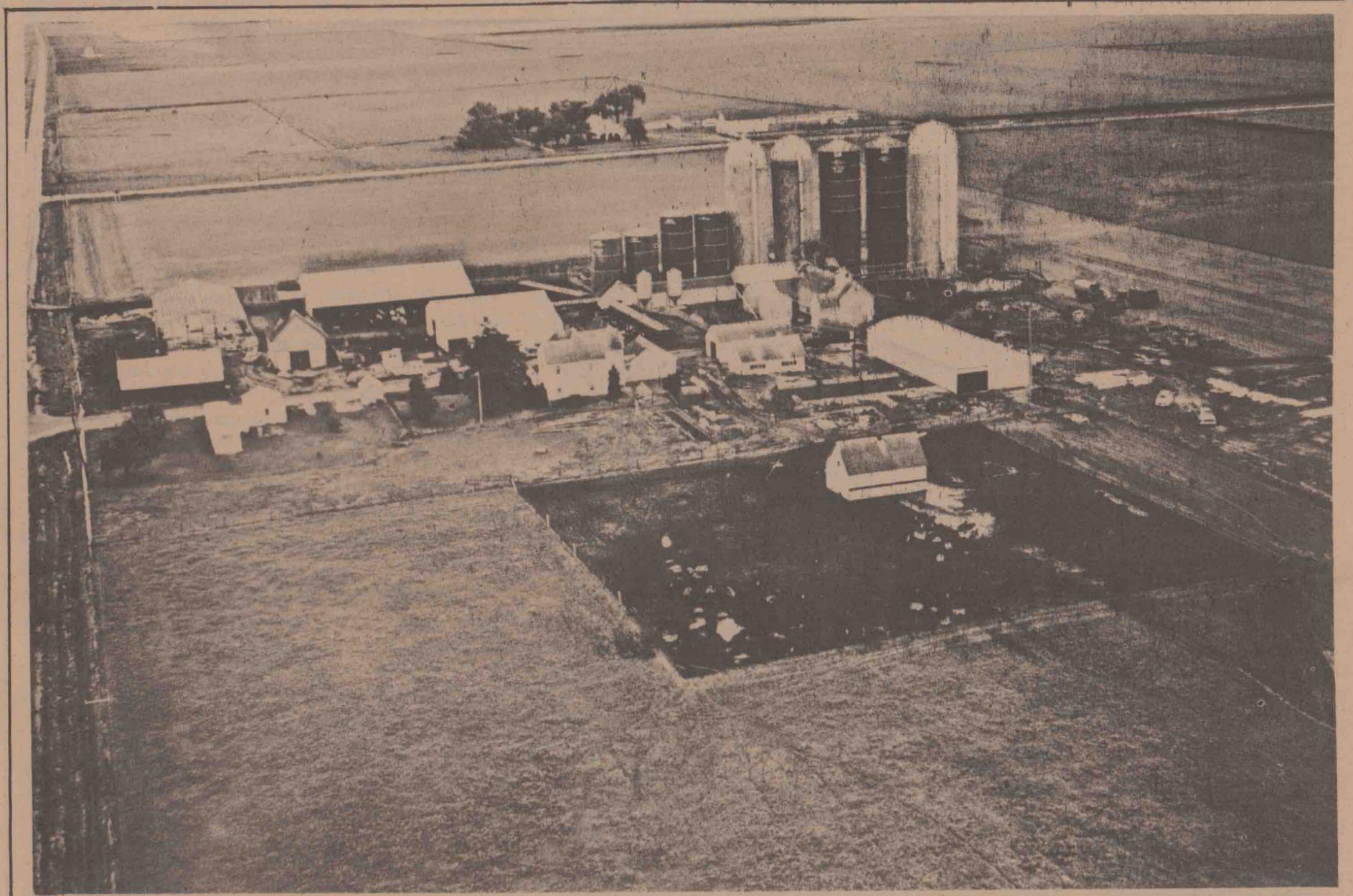




COTRIJUI VIU A AMÉRICA



No seu elevado estágio de produção, em todos os setores, os Estados Unidos da América do Norte se constituem em excelente atrativo para quem busca capitalizar conhecimentos nas áreas da tecnologia. Foi pensando assim que a COTRIJUI programou e levou a efeito, no período de 18 de setembro a 11 de

outubro, uma excursão a regiões agrícolas daquele país, levando ao chamado "cinturão do milho" e a zona da soja no sul, 119 pessoas entre agricultores associados, dirigentes de cooperativas e jornalistas gaúchos. Esta edição mostra em detalhes o que foi a viagem e dá uma série de informações adicionais sobre os Estados

Unidos. Vejam a partir da página 5. A ilustração mostra uma fazenda típica na Bacia Central-proximidades de Fort Dodge, no estado de Iowa — vendo-se em torno da residência do "farmer", as variadas dependências de galpões e no primeiro plano, o gado em regime de confinamento, sistema usado em várias regiões do país.

**PROJETO AMAZÔNIA E
PREÇOS AGRÍCOLAS**

Página 2

**VEJA QUEM DEFENDE
A NOSSA ECOLOGIA**

Página 5

**FUNCIONAMENTO DA
BOLSA DE CHICAGO**

Centrais

**NORMAN BORLAUG
ESTEVE EM IJUI**

Páginas 3 e 20

**CINCO FLAGRANTES
DE NOVA IORQUE**

Página 9

**JORNALISTA ALEMÃO
ESTEVE EM IJUI**

Página 5

**COOPERATIVA REGIONAL
TRITÍCOLA SERRANA LTDA**

Rua: José Hickembick, 66
Caixa Postal, 111
Fones: 2160 - 2161 - 2162
Inscr. 065/000770
Inscr. INCRA Nº 248/73
C.G.C. 90 726 506/001

ADMINISTRAÇÃO

Direção Executiva:
Presidente: Ruben Ilgenfritz da Silva.
Vice-presidente: Arnaldo Oscar Drews.
Superintendente: Clóvis Adriano Farina.

Diretores: Alceu Carlos Hickembick e Euclides Casagrande.

Conselheiros efetivos:
Alberto Sabo, Amaury Marks, Alfredo Driemeyer, Carlos Krüger, Italvino Sperotto e Reinaldo Luiz Kommers.

Suplentes:
Elcides José Salomoni, Hugo Lino Costa Beber, Renaleto Fontana e Zeno Foletto.

Conselho Fiscal efetivos:
Herbert Hintz, Alfredo Schmidt e Braulio Martins da Rocha.

Suplentes:
José Claudio Kohler, Duílio Fachin e Germano Reinaldo Beutinger.

Armazéns:

Sede - Ijuí	(98.000) T.
Santo Augusto	(77.000) T.
Chiapetta:	(20.000) T.
Coronel Bicaco	(20.000) T.
Tenente Portela	(10.800) T.
Vila Jóia	(20.000) T.
Rio Grande	(110.000) T.
Rio Grande	* (110.000) T.

* Em construção.

COTRIJORNAL

(Órgão de circulação dirigido ao quadro social)

EXPEDIENTE

Redação e Administração:
Rua José Hickembick, 66 Cx. Postal, 111 - Fone 2160.
Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob nº 9.
Redator Resp. - Raul Quevedo registro profissional no MTPS, 1176 matrícula no SJPPA nº 550 sócio da Associação Riograndense de Imprensa nº 1571.

Colaboradores: Rui Polidoro Pinto, Rui Michel e Wally Arns

Composto e impresso nas oficinas do "Jornal da Manhã", - Gráfica e Editora Jornalística Sentinela

EDITORIAL**PROJETO AMAZÔNIA**

O programa de Polos Agropecuários e Agro-minerais, que o Governo deu o nome de Polamazônia, acaba de selecionar 15 áreas para valorização econômica e social da grande região norte do país. É que o desbravamento do nosso continente tropical, feito antes e por 400 anos através da precariedade do sistema de nossos rios interiores, passou a ser feito através dos eixos rodoviários da Belém-Brasília, a partir de 1960; a Transamazônica, da Cuiabá-Santarém e finalmente, da Perimetral Norte, em construção. Com a construção desse sistema viário, foi possível pensar-se em termos de uma plena ocupação do território, a nível demográfico social e econômico.

Agora, após as tentativas feitas com as "agrovilas", o Governo parte para uma experiência a ser desenvolvida em bases mais concretas, usando o potencial técnico e da experiência empresarial das cooperativas.

A experiência pioneira no setor poderá ser feita pela COTRIJUI, convidada que foi pelo INCRA, para desenvolver trabalhos de base para instalação de um núcleo pioneiro na região de Altamira. A colônia pioneira seria instalada em área de cerca de 400.000 hectares. Esta será, se concretizada, uma das 15 áreas selecionadas pelo Governo para cobrir, econômica e demograficamente, o polo amazônico.

O trabalho se antecipa gigantesco, de proporções a exigir bases de planejamento e diretrizes de concretização, a nível de uma perfeita engenharia empresarial.

A COTRIJUI, ciente dessa responsabilidade e da grandeza do projeto, equaciona as primeiras medidas nesse sentido, conforme a imprensa do país tem divulgado. Uma dessas medidas foi a contratação dos serviços de uma empresa nacional - Desenvolvimento e Sistema S.A. - especializada em consultoria de bases de infra-estrutura, com a finalidade de se cercar de todos os cuidados que a grandeza do empreendimento exige.

Sendo a Amazônia uma luta de todos nós, a COTRIJUI vai arregaçar as mangas. Mas orientada pelo histórico de suas realizações passadas, o fará conscientizada da aspereza do caminho a ser percorrido e da conseqüente necessidade de cercar-se de todas as garantias empresariais possíveis. Reportagem sobre esse empreendimento, na página 3 desta edição.

PREÇOS AGRÍCOLAS

"O Brasil terá o tamanho de sua agricultura". A frase é do Governo e faz parte da Campanha da Produção e da Produtividade, lançada nos três estados do sul, pelo Governo Federal. No nosso Estado, a frase foi pronunciada pelo ministro da Agricultura, engenheiro agrônomo Alysso Paulinelli, em nome do presidente Ernesto Geisel, também presente ao ato, em solenidade realizada em Carazinho, a 28 de outubro último, quando o chefe da Nação presidia o início da colheita do trigo da safra de 1974, numa lavoura das proximidades daquela cidade.

Frase de efeito, embasada no ardor da retórica verbal propagandística, seu espírito porém sobreleva questão meritória, e que deve ser meta de conquista de todo um povo.

Tanto mais meritória é a frase governamental, se se analisar que a conscientização pela maior produção de alimentos e conseqüente suprimento das necessidades vitais do ser humano, é problemática em foco, e pendente de solução, em todas as partes do mundo.

Para que se julgue na devida dimensão e importância o efeito da idéia, basta que se analise os dados estatísticos apresentados pelo diretor-regional da FAO, Juan de la Vega, em Belo Horizonte, quando da realização da 9ª Reunião Nacional de Fertilidade do Solo.

Disse o técnico da FAO que enquanto a superfície agrícola do mundo apresentou o tímido aumento de quatro por cento entre 1958 e 1972, a população mundial cresceu em 30 por cento, o que representa sete vezes mais. Enfatizou a seguir, "que grande parte da melhoria nas produções agrícolas durante os últimos 15 anos é devida ao consumo de fertilizantes".

Estimativas recentes calculam que uns 700 milhões de agricultores precisam, com urgência, de assistência técnica e financeira para sair de um nível de agricultura que mal dá para a própria subsistência. A experiência da FAO indica que o emprego dos fertilizantes é o meio para transformar essa agricultura de subsistência numa agricultura empresarial e de mercado disse o especialista.

Os fertilizantes, porém, são caros. Mesmo que sejam postos a disposição dos agricultores recursos financeiros suficientes para a obtenção de fertilizantes na proporção das necessidades das lavouras, há o perigo de que muitas dessas lavouras, considerado o "status" sócio-econômico de países alinhados na faixa do "Terceiro Mundo", colheirão produtos com quocientes de preços superiores às condições do mercado. Em nossa Perspectiva anterior, sob o título "Uma Agricultura Inflacionária?", perguntávamos quais os critérios que podem determinar quando um produto agrícola pode ser considerado caro. Sendo os fertilizantes caros, conseqüentemente, esses componentes imprescindíveis ao rendimento das culturas, tendem a somar pontos na formação de preços dos produtos agrícolas. Surge aí, uma nova preocupação: se para aumentarmos a produção agrícola dependermos exclusivamente do uso de fertilizantes, enfrentamos o perigo de colocar no mercado produtos com preços superiores ao poder aquisitivo real das maiorias.

Lembramos que o citado técnico da FAO, em sua palestra em Belo Horizonte, citou os algarismos insignificantes do aumento da área agricultável no mundo, num período de 15 anos. Esse aumento foi de 4% apenas, o que é insignificante, principalmente se cotejarmos com o aumento da população mundial, no mesmo período, que alcançou a cifra de 30%

Parece que a conclusão mais lógica é de que o mundo precisa acrescentar novas áreas de terra à produção agrícola. Uma redistribuição de terras aráveis, embasada em princípios científicos que tenham em vista a produção, é a política que deve ser seguida por todos os países que, como o Brasil, possuem porções de terras incultas ou mal aproveitadas.

COTRIJUI ESTUDA UMA COLÔNIA NA AMAZÔNIA

HENRIQUE ANAWATTE É CIDADÃO DE IJUI



Foto de uma agrovila.

A FAO adverte sobre a fome no mundo; a ONU chama a atenção para o espectro da sub-nutrição e a Organização Mundial da Saúde considera que as doenças, por consequência da fome, tendem a aumentar sensivelmente nos próximos anos. Diante de tais advertências e frases apocalípticas, o que mais positivo pode e deve ser feito é partir-se para uma política racional de melhoramento da produtividade nas áreas já em exploração agropecuária e de abertura de novas áreas hoje improdutivas.

A COTRIJUI estuda a possibilidade de estabelecer, em projeto conjunto com o INCRA — Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária — uma colônia de 400 mil hectares no norte do país, possivelmente no Pará, com vistas a dar o seu quinhão, primeiro para aumentar a disponibilidade de alimentos para os brasileiros e depois, se possível, também para esse mundo cada vez mais faminto, de que falam a FAO, a ONU e outros organismos vinculados.

O presidente da cooperativa e seu diretor-superintendente, srs. Ruben Ilgenfritz da Silva e Clóvis Adriano Farina, juntamente com o coordenador-regional do INCRA no Rio Grande do Sul, eng. agr. Frederico M. Gunnar Dürr, fizeram uma segunda viagem à áreas do Maranhão, Pará e território de Rondônia na primeira semana de outubro, quando foram visitadas áreas de colonização provável.

Nos últimos dias de outubro, presidente e vice-presidente, Ruben Ilgenfritz da Silva e Arnaldo Oscar Drews, respectivamente, viajaram a São Paulo, para proceder estudos preliminares com dirigentes e técnicos da empresa de consultoria, Desenvolvimento e Sistemas S.A., contratada para elaborar o projeto de viabilidade de colonização.

A organização paulista foi

convidada pela COTRIJUI para a elaboração de um projeto global, de viabilidade tendo em vista a ocupação demográfica e o aproveitamento agrícola da área a sediar o projeto COTRIJUI/INCRA.

Em princípio, e dando início ao Projeto COTRIJUI/NORTE, a cooperativa partirá para o estudo da execução de uma política de agrupamento de pequenas propriedades em sua área de influência, no Rio Grande do Sul, para ganhar economias de escala, em especial no que tange ao desenvolvimento da mecanização agrícola. Com isso, ter-se-á obtido dois pontos importantes na escala da execução do projeto. Primeiro, a liberação de força de trabalho para o norte, que será suprida aqui com a intensificação da mecanização; segundo, o crescimento do módulo rural na nossa região, cujo estágio de escala minifundiária é progressivo.

O deslocamento de agricultores para a área pioneira da Amazônia, conforme o projeto em estudo, se processará, se forem encontradas sólidas bases técnicas, econômicas e financeiras, com o fim de se eliminar por completo qualquer eventualidade de fracasso no projeto.

O coordenador do INCRA no Rio Grande do Sul, eng. agr. Frederico Gunnar Dürr, disse que o objetivo principal do empreendimento é buscar solução para os graves problemas do minifúndio, que se agrava a cada dia. Como o INCRA entende que as cooperativas gaúchas de produção poderiam participar do projeto, foi convidada inicialmente a COTRIJUI, que estuda com muita objetividade o novo programa.

COTRIJUI NORTE

O diretor-presidente Ruben Ilgenfritz da Silva, ao regressar

de São Paulo onde debateu com os técnicos do Desenvolvimento e Sistemas S.A. o organograma do Projeto Norte, disse que a cooperativa sente na devida extensão a grandeza do empreendimento. Somadas as consequências, e cotejado o empreendimento com anteriores realizações da cooperativa, a direção decidiu enfrentar o chamado do INCRA. Sua intenção é levar para a região Amazônica além de seus associados toda a infra-estrutura econômica, financeira e técnica, para o suporte do empreendimento na nova área. Em nossa próxima edição, maiores detalhes sobre esse grande programa.

PRESIDENTE DA COTRIJUI PALESTROU EM SANTA MARIA

Atendendo convite do Setor de Engenharia Agrônoma — DACER — da Sociedade de Agronomia de Santa Maria, o presidente da COTRIJUI, engenheiro-agrônomo Ruben Ilgenfritz da Silva, participou da Semana do Engenheiro Agrônomo, levada a efeito naquela cidade de 5 a 12 de outubro último, proferindo palestra sobre cooperativismo, tendo por local o Colégio Centenário. A palestra, proferida no dia 10, a partir das 20,30 horas, foi parte de extenso programa alusivo à Semana do Engenheiro Agrônomo de Santa Maria, que se fez presente no dia 7, também no Colégio Centenário, foi o secretário-executivo da Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural — ASCAR — engenheiro agrônomo Renato Albano Petersen.

Em solenidade levada a efeito na Câmara Municipal, na manhã de 20 de outubro, o engenheiro Henrique Anawatte, secretário de Minas e Energia do Estado do Rio Grande do Sul, recebeu o título de "Cidadão Ijuense", concedido pela Câmara Municipal. Na mesma ocasião, a COTRIJUI, associando-se a homenagem prestada ao secretário de Energia, ofertou uma placa de prata ao novo Cidadão Ijuense.

Instalada a mesa que presidiu os trabalhos pelo vereador José Henrique da Silva, no exercício da presidência do Legislativo municipal e dela tomando parte o prefeito Emídio Odócio Perondi; os vereadores José Heriberto Kryszczun e Petronilha Souza do Prado, respectivamente, líder do MDB e da ARENA; secretários municipais e o diretor-presidente da COTRIJUI, engenheiro-agrônomo Ruben Ilgenfritz da Silva, o vereador José Henrique da Silva proferiu discurso historiando a concessão do título concedido ao homenageado. A seguir falou o prefeito Emídio Perondi, enaltecendo as qualidades do engenheiro Anawatte e ressaltando sua contribuição em benefício das justas aspirações do município de Ijuí.

O presidente da COTRIJUI, Ruben Ilgenfritz da Silva, ao fazer uso da palavra, destacou a importância do ato ao qual a

cooperativa associava-se com prazer, visto que o homem público que se destacava na oportunidade de provas de um acendrado amor à causa pública estadual e de maneira particular à nossa região e Ijuí. Destacou que embora o homenageado não fosse gaúcho de berço, o era de coração, pois o melhor de seu esforço e de sua capacidade de homem público, estavam de há muito a serviço do Rio Grande do Sul. Salientou que a iniciativa da COTRIJUI nos setores de armazenagem e transporte, sempre encontrou no sr. Henrique Anawatte a compreensão e o apoio quando o mesmo era secretário dos Transportes e continuou quando ele assumiu a pasta de Minas e Energia. Ao lado do ex-prefeito de Ijuí, dr. Solon Gonçalves da Silva e de Antonio Carlos da Silveira Abott, então responsável pela CTRIN, o engenheiro Henrique Anawatte muito contribuiu para o estabelecimento da excelente infra-estrutura da COTRIJUI. Essa a razão de nossa homenagem, finalizou o presidente da cooperativa.

Agradecendo ambas as homenagens, o sr. Henrique Anawatte disse que as recebia com orgulho destacando o trabalho da COTRIJUI, principalmente no setor portuário e lembrando a invulgar figura do presidente Luiz Fogliatto.

TÉCNICOS DE VÁRIOS PAÍSES EM IJUI



Especialistas de todos os países latino-americanos produtores de trigo, que participaram, em Porto Alegre, da Reunião Latino-Americana do Trigo, estiveram em Ijuí visitando as instalações da COTRIJUI, no último dia 25.

Juntamente com os técnicos — cerca de 80 — inclusive especialistas de renome da FAO, como é o caso do dr. Joaquim Carvalho de Santiago, veio o dr. Norman Borlaug, chefe de pesquisa e produtividade do Centro Internacional de Aprimoramento do Trigo e do Milho,

da Fundação Rockefeller, no México, Prêmio Nobel da Paz de 1970.

Em Ijuí, os especialistas foram recepcionados pela COTRIJUI com um jantar na Sociedade Recreativa, no dia 25 à noite, tendo no dia 26 visitado o parque de armazenagem e de indústria da cooperativa, no bairro industrial. A foto é um registro do jantar, aparecendo o presidente da COTRIJUI ao lado do técnico da FAO, Joaquim de Santiago e no centro o dr. Norman Borlaug, Prêmio Nobel da Paz.

EM TRÊS PASSOS SEGUNDO SEMINÁRIO COOPERATIVO



Na montagem fotográfica, a mesa e vista parcial do plenário

Foi promovido em Três Passos, nos dias 12 e 13 de setembro último, o II Seminário do Projeto Alto Uruguai de Desenvolvimento do Cooperativismo - PIDCOOP - que reuniu para o debate e a procura de soluções para vários problemas que enfrenta o cooperativismo, cerca de duas dezenas de cooperativas da região do Alto Uruguai.

A COTRIJUI esteve presente ao II PIDCOOP na pessoa de seu diretor-presidente, eng^o agr^o Ruben Ilgenfritz da Silva, que destacou, ao regressar, o esforço que vem sendo feito pelo INCRA, organismo mantenedor do programa, para a maior conscientização das lideranças do cooperativismo no sentido de somarem esforços em prol de seus objetivos comuns. O destaque desse segundo encontro de cooperativas foi a unanimidade de pontos de vista no que se refere a necessidade de se adotar a comercialização na modalidade "preço médio", como forma le-

gítima de política cooperativa.

O sistema de comercialização Preço Médio criado pela COTRIJUI e adotado inclusive por várias outras cooperativas da região na safra de soja de 1973, foi aconselhado como ideal pelas autoridades do INCRA e pelos técnicos das diversas entidades que constituem o PIDCOOP. Outra recomendação feita pelo Seminário de Três Passos, foi referente a necessidade das cooperativas mistas se fundirem entre si, visando um maior fortalecimento para enfrentar os intermediários que interferem principalmente nos negócios de soja.

Participaram do II Seminário do PIDCOOP em Três Passos, além da COTRIJUI, mais as seguintes cooperativas: Agrícola Mista São José do Mauá, Cooperativa Tuparendi, Cooperativa São Luiz, Cooperativa Tucunduva, Cooperativa Rodeio Bonito, Cooperativa Mista Pinhal, Cooperativa Agrícola Mista Progresso.

Coopalma, Cooperativa Monseñor Testani, Cooperativa São João Batista, Cooperativa São Caetano, Cooperativa Agricultores do Pinhal, Cooperativa Mista São Martinho, Cotap, Cotricampo e Cotrirosa.

PIDCOOP COM NOVO EXECUTIVO

O economista Avenor Lopes Aguiar é o novo secretário-executivo do Projeto Alto Uruguai de Desenvolvimento do Cooperativismo - PIDCOOP - em substituição a Luiz Leonardo Lopes de Lima, também economista, que se encontra orientando uma cooperativa da área do próprio PIDCOOP, região do Uruguai.

A notícia da nova secretaria executiva foi endereçada ao COTRIJORNAL, pela circular nº 106/74, do PIDCOOP.

SINDICAL

JUVÊNIO PEDROSO FOI REELEITO EM VILA JÓIA

Conforme fora regimentalmente convocada, na sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tupanciretã, com sede em Vila Jóia, foi empossada a diretoria eleita em assembléia geral, para o período de três anos.

Ao acontecimento estiveram presentes autoridades e associados. O professor Walter Frantz representou o Convênio Cotrijui/Fidene.

A Diretoria ficou assim constituída: Juvêncio José Pedroso, - presidente, reeleito; Alcino Dezordi, - tesoureiro; Marcelino Bazzan, - secretário; Suplentes: Elci Estevão Furlan, Luiz Ner Beschorner e Rosalino Andreatta. Conselho fiscal: Leonir Schmidt de Aguiar, Remédio Furlan e João Teixeira Padilha. Suplentes do conselho fiscal: Vitorio Casarotto, Luigi Tremea e Horalí Fernandes de Abreu. Delegados federativos: Inocêncio Quadros Filho, Haimés Amir Coró. Suplentes de delegado: Tranquino Menegasi e Valderino Tissot.

IJUI TEM ELEIÇÕES NO MÊS DE DEZEMBRO

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí vai ter eleições a 8 de dezembro vindouro. Concorre a reeleição o atual presidente, sr. Orgênio Rott, bem como seus demais companheiros de diretoria.

É a seguinte a chapa que deverá ser sufragada nas eleições de dezembro: diretores efetivos, Orgênio Rott, João Cassavara e Frederico Casali. Suplentes: Carlos Karlinski, Dante Antônio Boniatti e Euclides Marino Gabbi. Conselho Fiscal - efetivo - Luiz Hölzle, Antenor José Vione e Léo Picoli. Suplentes - Anatalino Antonio dos Santos, Arno Arlindo Beck e José Pietrzack. Delegados representantes ao Conselho da Federação; efetivos: Orgênio Rott, João Cassavara. Suplentes: Augusto da Silva e Armando Wildner.

Durante a viagem do presidente Orgênio Rott aos Estados Unidos, acompanhando caravana organizada pela COTRIJUI, assumiu a presidência do sindicato o secretário, sr. Frederico Casali.

NOVA DIRETORIA DO SINDICATO DE CHIAPETTA

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Chiapetta, em assembléia geral realizada no dia 18 de setembro de 1974, escolheu sua nova diretoria. Foram eleitos para um período indeterminado os associados Albino Weschter, Álvaro Rotili e Oromir Dietrich.

Em forma de junta governativa administrarão o sindicato até que por determinação de assembléia sejam convocadas novas eleições.

Esteve presente, e ajudou dirigir os trabalhos, um representante da FETAG.

Os novos dirigentes realizaram nova assembléia no dia 5 de outubro último, para deliberar sobre a construção de uma sede para instalação de um ambulatório médico. A idéia foi muito bem aceita e já há uma campanha de doações entre os associados, para levantar fundos dando assim condições para o imediato início das obras.

A.C.C. DE CHIAPETTA COM NOVA DIRETORIA

Desde 31 de agosto de 1974, a Associação Conservacionista de Chiapetta tem nova diretoria. Os novos dirigentes foram escolhidos em Assembléia Geral Ordinária realizada em 31 de agosto, cuja diretoria ficou assim constituída: presidente, Eugênio Wagner; vice-presidente, Júlio Krombauer; secretário, Jaldyr Cabral da Silva; tesoureiro, Luiz Carlos Machado, diretor técnico, eng^o agrônomo Nedy Rodrigues Borges, executor técnico, técnico agrícola Vilmar Henges.

Já no primeiro ano, esta Associação, entre outras atividades, atendeu a 57 agricultores sendo: 541 ha. terraceados, 152 canais escoadores, levantamento palmétrico de 46,6 ha. Ainda com referência ao Projeto de Melhoramento da Fertilidade do solo temos a destacar a orientação e acompanhamento para a aplicação de adubos e corretivos e a prática de calagem, a fim de elevar o solo a um nível de fertilidade própria para o bom desenvolvimento das culturas exploradas em nossa região.



JORNALISTA ALEMÃO QUIS VER IJUI

O jornalista Georg J. Seitz, correspondente no Brasil da "Nachrichten Für Aussenhandel", agência alemã especializada em distribuição de matérias jornalísticas para jornais de finanças, esteve em Ijuí nos dias 18 e 19 de outubro. Recepcionado pela COTRIJUI, o jornalista que veio acompanhado da esposa, visitou nossas instalações centrais e a administração na tarde do dia 18, tendo viajado no dia seguinte até Tenente Portela, a fim de conhecer as instalações de armazéns localiza-

dos na região do Alto Uruguai.

De Ijuí, o jornalista alemão viajou até as Ruínas de São Miguel, no vizinho município de Santo Ângelo, de onde iniciou sua viagem de retorno para o Rio de Janeiro. Na foto, o jornalista Georg Seitz e esposa, quando eram recepcionados pela COTRIJUI, no aeroporto municipal Salgado Filho, entre vários técnicos da Cooperativa, destacando-se o sr. Luis Laveuve, Rui Polidoro Pinto e médico-vegeterário Waldyr Groff.

VEJA QUEM DEFENDE A ECOLOGIA NO BRASIL

Através de concurso jornalístico de âmbito nacional, a BEMFAM, Sociedade Civil de Bem Estar Familiar no Brasil, que tem sede no Rio de Janeiro, promove a idéia de preservação dos elementos ecológicos no país.

O concurso de reportagens intitulado, Homem Meio-Ambiente e População, a ser julgado nos próximos dias, visa fundamentalmente despertar a necessidade de formação e disseminação de uma filosofia preservacionista na mente brasileira.

O concurso, aberto a todos os jornalistas profissionais do Brasil, vai premiar a melhor reportagem individual ou de equipe sobre o referido tema, publicada de 1º de abril a 1º de setembro deste ano. Ao 1º lugar será conferido o prêmio de Cr\$ 4.000,00

e bolsa de estudos no exterior; 2º lugar Cr\$ 2.000,00 e bolsa de estudos no Rio de Janeiro e o 3º lugar, bolsa de estudos também no Rio.

Há dias, o secretário-executivo da BEMFAM, professor Walter Rodrigues, reuniu os jornalistas cariocas na sede da entidade, para agradecer o apoio à promoção. Os vencedores do concurso jornalístico Homem, Meio-Ambiente e População, serão conhecidos nos próximos dias.

ASSOCIAÇÃO IJUIENSE

Datada de 12 de outubro, o COTRIJORNAL recebeu correspondência da Associação Ijuíense de Proteção ao Ambiente Natural, assinada por seu presidente, sr. Ludwig Reichard Filho, tecendo elogios à atuação

deste jornal em benefício do meio-ambiente. A correspondência do presidente da Associação Ijuíense de Proteção ao Ambiente Natural, que agradecemos sensibilizados, é do seguinte teor: "Sr. redator Raul Quevedo. Nesta cidade. Seguidamente temos deparado com artigos versando sobre assuntos relativos à ecologia no COTRIJORNAL... O fato nos causa grande satisfação, pois demonstra o interesse dessa organização pela defesa do meio ambiente do qual, em última análise, depende a própria sobrevivência da humanidade.

Queremos, por intermédio da presente, apresentar os nossos cumprimentos e comunicar a V.S. que nos causaria prazer o seu comparecimento em nossas reuniões. Atenciosamente. Ludwig Reichard Filho - Presidente.

CULTURA POPULAR FOI DESTAQUE EM SÃO PAULO

A professora e folclorista paulista Laura Della Monica, na seção Folclore, que escreve para a Folha da Tarde na capital bandeirante, na edição de 22 de agosto último, focalizou o COTRIJORNAL, destacando a seção Cultura Popular. Disse em certo trecho de seu comentário a folclorista Laura Della Monica:

Nas páginas do "Cotrijornal", o meu amigo Raul Quevedo não esqueceu o folclore. Na edição de setembro apresentou um relato a respeito do monjolo "tão tradicional na vida e na paisagem do Brasil de outras épocas". Foi nossa edição de novembro de 1973.

Lembra a folclorista e jornalista em seu comentário: "O monjolo, ain-

da hoje faz parte da paisagem brasileira. Talvez em Ijuí ele tenha desaparecido, como por encanto. Mas no Estado de São Paulo ainda é muito usado; é só sair um pouquinho pela Sorocabana e zona da Bragantina, que se lhe encontra ainda em pleno serviço. É verdade o que você diz, no seu movimento desajeitado, espécie de moto-contínuo, trabalha as 24 horas do dia sob a ação da água, sem custar nada para o seu proprietário".

E prossegue Laura Della Monica analisando nossa Cultura Popular, em sua apreciada seção no jornal paulista: "É. O monjolo nos ajuda a descascar o milho para canjica ou para fazer o farelo. Também pode transportar água à grandes distâncias. Assim como o monjolo do sr. Avelino

Dutra, na Linha 6-Oeste, também aqui em São Paulo o monjolo pode trabalhar 10 anos sem dar nenhum incômodo. Li também os caprichos da natureza. Muito interessante. No município de Veranópolis, uma cenoura se apresenta com formas humanas. Gostei muito de sua reportagem sobre "a diligência, um transporte rápido do passado. É um monumento que existe no parque Battle y Ordoñez, no centro de Montevidéu. Na mesma cidade existe outro monumento em homenagem à carreta, você viu?"

Vi sim, Laura. Tanto que no COTRIJORNAL de março deste ano, focalizei-a. Muito obrigado Laura pelas referências e pelo estímulo. Vindo de quem veio, aceito desvanecido.

FARM PROGRESS SHOW

Sem dúvida, a agricultura norte-americana é a mais desenvolvida do mundo. Maior produtor mundial dos cereais de melhor peso específico no concerto da economia primária e de transformação em alimentos, destacando-se principalmente na soja, no milho, trigo, e outros produtos básicos na dieta do mundo, o grande país alia à uma técnica avançada de produção uma excelente estrutura de mercado, onde tudo o que é produzido tem mercado garantido.

A caravana de agricultores, técnicos e jornalistas que visitou aquele país, sob organização da COTRIJUI, analisou as condições que os agricultores possuem para produzir. Pode se concluir facilmente, que como êmulo do braço trabalhador do fazendeiro, o americano possui uma excelente maquinaria. São máquinas e implementos de todos os tipos e capacidades para as mais diversas atividades de produção e de apoio à produção, que tornam a mão-de-obra praticamente dispensável na agricultura e na pecuária.

Numa visita feita pela caravana ao Farm Progress Show, nas proximidades da cidade de Fort Dodge, foi possível aquilatar a significação de uma exposição, quando a mesma é embasada no princípio de que "é preciso mostrar serviço". Bem ao contrário das nossas exposições, onde máquinas e implementos ficam expostos sobre gramados, enfeitadas como se fossem para presente, nos Estados Unidos as máquinas são expostas em plena operação de trabalho, em plena competição.

O parque de exposição, propriamente dito, é locado em plena região agrícola, no centro

de lavouras experimentais. De sorte que todos os expositores precisam dar a "prova provada" da capacidade de suas máquinas, seus implementos, herbicidas etc. Os vendedores de semente apresentam seus "canteiros de amostra", com os produtos já na fase da colheita, dando provas de que sua oferta é garantida. Assim, quem opta por esta ou aquela marca, o faz conscientemente, ante a capacidade operacional da máquina, do aproveitamento real da semente em oferta e da qualidade do herbicida devidamente testado na safra precedente.

O Farm Progress Show inaugura sem discursos. Pode se dizer que é uma festa de trabalhadores para trabalhadores. O show, que consta do nome da mostra, é realmente um show de máquinas trabalhando em operações de capacidade e mestria, que impressiona os visitantes. Cada fabricante que tem produtos à venda, expõe em locais previamente determinados, para as demonstrações práticas. Para as máquinas colheitadeiras, por exemplo, tem lavouras em ponto de corte, para as demonstrações. Os componentes da caravana da COTRIJUI assistiram competição de colheitadeiras de soja e de milho. As máquinas, cada uma em sua faixa de corte, são largadas no mesmo momento. No julgamento de capacidade são analisadas, velocidade, operacionalidade, performance, rendimento e, inclusive, consumo de combustível. É esse o sistema usado de há muito nos Estados Unidos para introdução de novas tecnologias em sua agricultura ou para a manutenção de mercado dos produtos já em operação.

Seria possível se começar a pensar nesses termos para as futuras exposições agropecuárias no Brasil?



Colheiteira de milho, pronta para demonstração.

PROJEÇÕES ECONÔMICAS DA VISITA AOS ESTADOS UNIDOS

(ALBERTO ANDRÉ, presidente da Associação Riograndense de Imprensa — especial para o COTRIJORNAL).

A experiência da COTRIJUI, levando às fazendas norte-americanas a caravana de agricultores e técnicos de sua área de ação valeu tanto pelos seus resultados sociais como econômicos, administrativos e turísticos. Os visitantes, apreciaram cidades urbanisticamente evoluídas e viram as cidades rurais e suas culturas, comprovaram nossas práticas recomendáveis e obtiveram interessante acervo de dados que merecem estudos.

Na área econômico-administrativa há, desde logo, dentro de um enfoque jornalístico, quatro aspectos a apreciar.

Primeiramente, o planejamento da fazenda, da lavoura ou da criação. A semelhança assinalada em todos os estabelecimentos visitados ou vistos de longe, durante o percurso, indicava sem dúvida uma orientação, que devemos chamar de planejamento e pesquisa da propriedade. Há um lugar para a residência do agricultor, outro para os silos e galpões, outro para os aviários, pocilgas e demais dependências, os depósitos de insumos e as garagens, tudo entrosado, de maneira a evitar o desperdício e a garantir a adequada utilização das benfeitorias e seus pertences. A explicação veio logo: através de sua empresa ou outra organização, o agricultor buscou o projeto na universidade ou dos técnicos, afim de que a distribuição das benfeitorias e dos equipamentos tivesse funcionamento conveniente. É a racionalização administrativa plenamente utilizada nas lides do campo. Ela não custa muito, exige compreensão e humildade do produtor e, sobretudo, acatamento técnico. Penso que a fazenda do sr. Harold Johnson, de agricultura e pecuária, na qual estivemos numa tarde em Courtland, forneceu bem estas medidas. A família Johnson, operando com mão de obra mínima, tinha à sua disposição a distribuição automática da ração aos animais, os canteiros das plantações uniformemente dotados de espaços e a separação dos diversos tipos de agricultura e criação de maneira a permitir

o atendimento rápido das suas necessidades. O uso do milho integral e a disposição dos silos elevados e de trincheiras, eram outros dois fatores a examinar. Somente faltava, para completar a imagem que é bem nossa, algumas flores para dourar a propriedade. A presença da universidade, dos técnicos e da pesquisa, fazia-se ostensiva no planejamento da propriedade rural.

A diversificação, observada em todas as fazendas, das menores de Minnesota e Iowa às maiores de Mississippi e Tennessee, foi considerada pelo nosso grupo técnico como "fatores de segurança e estabilidade econômica". Isso não quer, evidentemente, dizer que vamos ou devemos copiar as lavouras ou sua criação, mas recomenda a diversificação em si, estudadas as alternativas convenientes às nossas condições. Utilizando racionalmente a terra e os fertilizantes de uma lavoura em outra, criando ao mesmo tempo, para corte, reprodução ou complementação, o agricultor e a empresa rural americana balançam elementos que tornam menos graves as crises e até as superam. Vimos isso em Elmore, nas instalações e granjas da FARMERS ELEVATORS CO., como nas incursões propiciadas pelas Indústrias Cook no Tennessee e Mississippi. Em todos os estabelecimentos e estações observamos a diversificação e o pleno aproveitamento da terra, de maneira a superar as quebras, como as determinadas pelo frio prematuro, e a estagnação do preço do gado em consequência da suspensão das exportações de carnes aos países do Mercado Comum Europeu. Outro aspecto da diversificação foi colhido na empresa de armazenagem e produção de rações e na de fomento às plantações e produção de óleos e torta de soja.

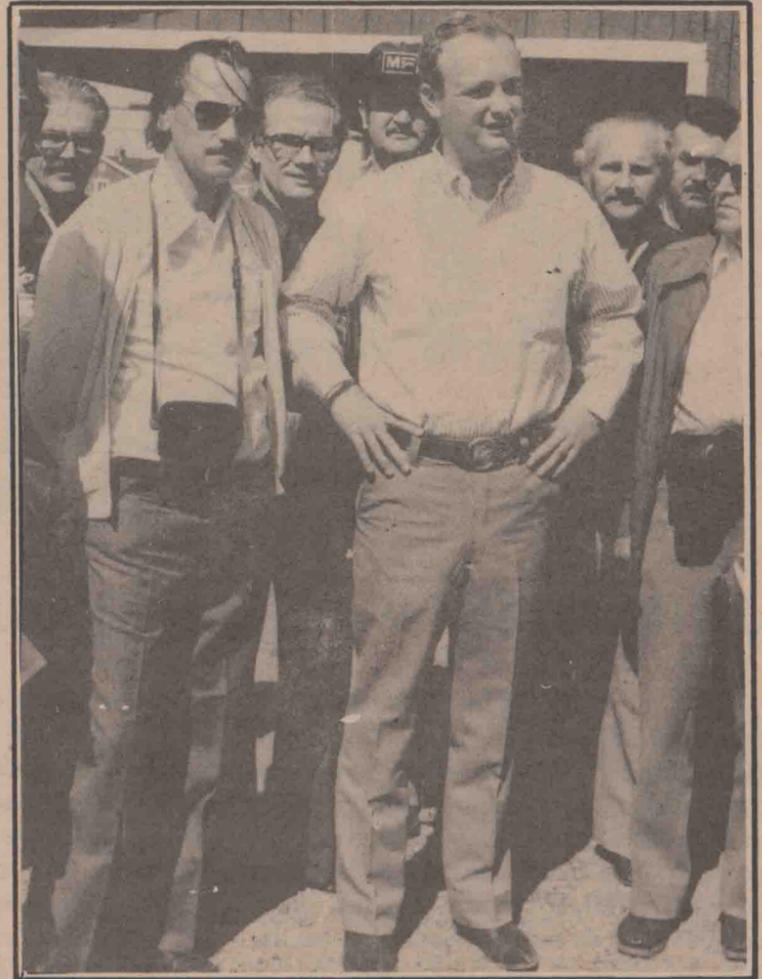
Parece que os dois outros fatores econômicos são favoráveis a nós. Um deles, as pastagens. O grupo técnico notou o total confinamento no centro e a volta gra-

dativa das pastagens no sul. O confinamento pode representar vantagens em áreas menores, como também nas planas, em que estas são mais destinadas à agricultura pela sua menor erosão, mas não se recomenda nas elevações, onde as pastagens tanto significam combate à erosão como menores custos. Todavia, os cuidados à criação implicam nessas áreas em menores perdas do que as nossas, na estação fria. O aspecto terá de ser devidamente apreciado pelos técnicos em face das maiores dimensões dos módulos americanos de 300 hectares para mais.

Finalmente, um quarto fator, o da armazenagem, na qual entre nós operam as cooperativas e a rede pública de silos e armazéns. O desenvolvimento do nosso sistema implica em alívio de investimentos para o produtor, que pode assim jogar na sua lavoura e criação todos os recursos disponíveis. O que a COTRIJUI está fazendo nesta área e o Governo, sobretudo no superporto de Rio Grande, deve ser encorajado. O sistema americano, pelo qual os produtores mantêm suas reservas de armazenagem e silagem, caracteriza orientação individualista, muito boa para a livre iniciativa, mas exigente de recursos que não possuímos. O esforço público e cooperativado redundará em prática mais segura e amplo armazenamento, que poderá ganhar bem melhores resultados quando for encontrado um processo suficiente de escoamento, sobretudo de Rio Grande para os locais de destino.

Os ângulos apreciados independentemente dos demais, são suficientes, a meu ver, para justificar a iniciativa pioneira da COTRIJUI e a colaboração das demais cooperativas e entidades, colocando parte dos seus associados em contato com lavouras, criação, estações e terminais de outros povos e sistemas relacionados com nossa produção agro-pecuária, no caso específico a região da soja.

COMPONENTES DA EXCURSÃO DA COTRIJUI



Sr. Arnaldo Drews e membros da caravana, com um fazendeiro de Arkansas, o sr. Frank Wesson.

Em ordem alfabética, a relação nominal dos participantes da viagem promovida pela COTRIJUI aos Estados Unidos da América, no período de 18 de setembro a 11 de outubro de 1974.

Álvaro Darci Bernardi Contri, Augusto Pestana; Alfredo Driemeyer, Augusto Pestana; Aladir Luiz Zuchetto, Campo Novo; Alecrides Santana Moraes, Santo Augusto; Alberto Martins Steglich, Ijuí; Antônio Ausani, Santo Augusto; Amauri Marks, Ijuí; Ademar Campos Bindé, Ijuí; Antônio Zardin, Tupanciretã - Vila Jóia - Alcides Antonio Ceolin, Tenente Portela; Ary Engleitner, Ijuí; Archilio Gabbi, Pejuçara, Arno Muxfeldt, Ijuí; Ari Aloísio Justen, São Martinho; Aldino Erno Rosinke, Ijuí; Ari de Oliveira Ribas, Campo Novo; Amílcar Becker (Vila Jóia) Tupanciretã; Antoninho Domingos Rossoni, Tenente Portela; Alípio Friedriches, Ijuí; Arnaldo Oscar Drews, vice-presidente da COTRIJUI e dirigente da excursão, Ijuí; Alberto Parenti Filho, Ijuí; Argemiro Jacob Brum, Ijuí; Arnaldo Walter Preissler, Ijuí; Alberto André, Porto Alegre; Arno Kohn, Ijuí; Bernardo Grimm, Ijuí; Braulio Martins da Rocha, Coronel Bicaco; Bruno Burtet Santa Bárbara do Sul; Carlos Fengler, Ijuí; Claude Nahor Wondracek, Ijuí; Clemir Aroldo Portes, Camburiu, S.C. Carlos Alberto Faccin, Cruz Alta; Canísio José Welter, São Martinho; Carlos Poletto, Tupanciretã; Constantino José Goi, Ijuí; Duílio Paranhos, Coronel Bicaco; Delmar Barriquelo, Ijuí; Dirceu Dal Molin, Ijuí; Dary Meggiolaro, Ijuí; Davilson Rodney Tossi, Ijuí; Décio Barriquelo, Ijuí; Décio Zago, Tupanciretã; Edgar Mathias Gressler, Ijuí; Emídio Jappe, Ijuí; Erni Schunemann, Redentora; Élio Montagner, Ijuí; Elso Schneider, Ijuí; Edison Krüger, Ijuí; Euclides Casagrande, Ijuí; Eliseu Ullmann, Horizontina; Elcídes José Salomoni, Tenente Portela; Elbio A. Meneguel, Santo Augusto; Edibaldo Stieglmeier, Três de Maio; Eloi Carlos Renz, Ijuí; Firmiano Ribeiro Cezimbra, Ajuricaba; Germano Reinaldo Beutinger, Ijuí; Giovanni Stra-

gliotto, Augusto Pestana; Guiomar Zago Montagner, Santo Augusto; Gil La Hire, G.R. Miller, Ijuí; Herbert Grimm, Chiapetta, Hugo Lino Costa Beber, Ijuí; Herbert Hintz, Ijuí; Heitor Krueel Gogliatto, Vila Jóia, Tupanciretã; Isilino Sfredo Stival, Santo Augusto; Ido Max Weiller, Santo Augusto; Itelvino Sperotto, Santo Augusto; Ildefonso Lucas Gessi, Crissiumal; João Luiz Kerpel, Coronel Bicaco; João Antônio Franco de Almeida, Ijuí; Joaquim Rodrigues Lóes, Chiapetta; João Gregório Milanesi, Coronel Bicaco; Julio Krombauer, Chiapetta; José Vicente Silva, Santo Augusto; Jandir Schau de Araújo, Santo Ângelo; Luiz Osório Chiapetta, São Gabriel; Luiz Pauletti, Porto Alegre; Ildefonso Becker Sobrinho, Ijuí; Mário José Becker, Ijuí; Mauro Miron, Ijuí; Manoela Zago, Tupanciretã; Nelson Sulzbach, Ijuí; Nelson Borges Sturmhobel, Nelson Beutinger, Ijuí; Neri Eduardo Sartori, Ijuí; Nedy Rodrigues Borges, Ijuí; Nelson Kerpel, Coronel Bicaco; Odesa Menna Barreto Petrarca, São Gabriel; Oswaldo Pio Andrighetto, Santo Augusto; Orlando Ector Rurini, Tenente Portela; Oswaldo Hermann Drews, Augusto Pestana; Oscar Torres Paranhos, Guanabara; Orgênio Rott, Ijuí; Oswaldo Olmiro Meotti, Ijuí; Plínio Cavalheiro Pinto, Palmeira das Missões; Pedro Everling, Augusto Pestana; Percei Cardoso Costa, Caçapava do Sul; Pedro Bizarello, Coronel Bicaco; Paulo Luciano de Souza, Coronel Bicaco; Renato Borges de Medeiros, Ijuí; Rui Polidoro Pinto, Ijuí; Rubem Dario Cardoso Chiapetta, Ijuí; Ricardo Drevin, Ijuí; Reinardo Emeri Lenz, Ijuí; Ricardo Otto Beutinger, Ijuí; Realdo Cervi, Santo Augusto; Rudi Germano Feix, Ijuí; Raul Quevedo, Ijuí; Severino Zanatta, Ajuricaba; Savino Costa Beber, Ijuí; Sinibaldo Natal Polo, Santo Augusto; Tadeu Cerski, Palmeira das Missões; Valdir Becker, Ijuí; Vitorugo Ademir Zardin, Vila Jóia, Tupanciretã; Vera Betraiz Faccin, Cruz Alta; Werner E. Kudiess, Chiapetta; Willi Krebs, Ijuí; Waldir Groff, Ijuí; Waldemir Noll Ijuí e Waldemar Michael, Ijuí.

120 AGRICULTORES CURIOSOS NUMA TERRA ESTRANHA



Curiosos, os brasileiros bateram milhares de fotografias.

A excursão foi organizada e facilitada economicamente pela COTRIJUI, sob o contrato com a Turismo Bradesco S.A. Viajaram agricultores de Ijuí — a maioria — de Santo Augusto, Ajuricaba, Santo Ângelo, Augusto Pestana, Coronel Bicaco, Tenente Portela e Tupanciretã, além de presidentes de cooperativas de Santo Ângelo, São Gabriel, Tupanciretã e Palmeira das Missões e técnicos das cooperativas de Caçapava do Sul e Campo Novo.

Uma estatística, por profissão, dos componentes da caravana da COTRIJUI, mostra os seguintes números de seus participantes: 54 agricultores; oito engenheiros-agrônomo; um médico veterinário; dois técnicos agrícolas; seis presidentes ou representantes de cooperativas; dois prefeitos municipais e quatro vereadores; quatro advogados e nove jornalistas; dois professores e dois médicos; seis presidentes de sindicatos rurais; um economista, um engenheiro civil e um funcionário público; três funcionários de cooperativas, três bancários, cinco revendedores de produtos agrícolas, um padre e três senhoras que acompanharam

os seus respectivos esposos.

Na opinião do sr. Arnaldo Oscar Drews, vice-presidente da COTRIJUI e que chefou a excursão, a diversidade de cultura entre os componentes acabou sendo benéfica no seu conjunto, para a soma de dados e conhecimentos adquiridos. E realmente foi benéfica porque as observações feitas durante as visitas técnicas eram posteriormente cotejadas entre os diferentes grupos, através de mesas redondas promovidas, geralmente à noite e nos intervalos das visitas, em dependências dos hotéis. Essas reuniões causavam surpresa aos americanos, que naturalmente nunca haviam visto excursionistas em tão grande número reunirem-se com tanta disciplina, para a troca de idéias e informações técnicas sobre o que haviam visto durante o dia. Inclusive duas missas foram oficiadas pelo padre Seferino Zanatta, que acompanhou a excursão, a primeira delas em Mankato, no Minnesota e a segunda em Nova Orleans, na Louisiana, quando já nos aproximávamos do final da viagem.

Nessas reuniões dirigidas pelo sr. Arnaldo Drews, permutavam-se observações

e técnicas verificadas, pois era natural que em visitas feitas por elevado número de pessoas, nem sempre fosse possível que a totalidade de seus componentes pudessem ver e anotar tudo o que interessasse. Da soma de observações feitas, chegou-se a conclusão de que apesar do espetacular avanço tecnológico dos norte-americanos, em muitos setores os agricultores da nossa região não levam desvantagem.

No que se refere especificamente à agricultura — plantio de soja e milho, que foi possível cotejar — nossas lavouras equiparam-se em igualdade de condições com as que observamos nas regiões central e do sul. A grande vantagem dos americanos sobre os nossos produtores rurais é verificada na criação de animais de todas as espécies comerciáveis. A elevada tecnologia aplicada na criação e engorde pelo sistema de confinamento total, lhes dá uma vantagem muito grande.

As visitas de caráter técnico feitas pela excursão da COTRIJUI, localizaram-se na Bacia Central, compreendendo os estados do Illinois, Minnesota e Iowa, região conhecida por cinturão do milho. De 24 de setembro e 4 de outubro, viajando em ônibus especial,

foram visitadas as cidades de Moline, Minneapolis, St. Paul, Mankato, Des Moines, Fort Dodge, Waterloo e Cedar Falls, além das localidades do interior desses condados, compreendendo visitas à fábricas de maquinaria agrícola como a International Harvester e a John Deere; granjas de criação de porcos e aves, cooperativas, estações experimentais e Universidade como a do estado de Iowa e do Condado Ames. Durante essas visitas, foi possível observar experiências revolucionárias, principalmente no que se refere à criação e engorde de animais em confinamento.

Na Cargill Feed Research Farm, em Elk River, Minnesota e na Supersweet Feeds, em New Ulm, também no estado de Minnesota, os excursionistas puderam observar experiências revolucionárias no campo da alimentação animal em regime de confinamento total. Foram vistos terneiros de duas semanas de vida mantidos em jaulas de 80 x 40 centímetros, leitões recém nascidos em testes de desmama em câmaras para testes de adaptabilidade e resistência ao frio; jaulas para galinhas poedeiras em teste de quase completa imobilidade para maior produção, teste com ventosa no intestino do animal para ob-

servação do rúmen e aproveitamento da ração, conforme fotos que se estampa nesta edição.

No sul — estados do Tennessee, Mississippi e Arkansas, — os excursionistas visitaram lavouras de soja e granjas experimentais; fábrica de óleo e fazendas mistas, tendo se destacado o grupo Cook Industries, com empreendimentos nos estados do Tennessee e Mississippi e a fazenda Wesson Charolais, em Victoria, Arkansas. Nesta fazenda, que pode ser considerada modelo mesmo em se tratando dos Estados Unidos, em cerca de 4.000 hectares são explorados racionalmente todos os produtos que mostram potencialidade econômica. A Wesson Charolais cultiva soja e algodão, arroz e pastagens nas diferentes épocas; cria gado de raça (charolês) do que aproveita, inclusive o semen, para exportação e cria peixe em 130 hectares de açudes, com elevada produtividade.

Da região do Vale do Tennessee a excursão da COTRIJUI viajou para Nova Orleans, na Louisiana, onde observou o terminal graneliro do porto local. Mas antes, durante a estada em Chicago, de 22 a 24 de setembro, os excursionistas haviam visitado a Bolsa de Cereais de Chicago, assunto que focalizamos em reportagem em separado,



— Técnicos brasileiros e americanos confraternizam numa lavoura em Memphis.

NOVA IORQUE E MANHATTAN

Nova Iorque só é superada por Londres, em área, e por Tóquio, em população. Mas falar de Nova Iorque é falar de Manhattan, o bairro famoso que concentra o maciço dos edifícios mais altos do mundo. Manhattan é uma ilha formada pelos rios Hudson, East, Harlem e Baía de Nova Iorque, por onde tem comunicação com o Oceano Atlântico. Dividida em cinco distritos no ano de 1898: Bronx, Brooklyn, Queens, Richmond e Manhattan, este último, por sua localização no centro do estuário daqueles rios e ainda por ter comunicação natural com o Atlântico através da baía, basicamente concentrou o polo de vida e da economia norte-americana.

Ocupada por Henry Hudson em 1609, a ilha era habitada pelos índios manhattan, cujo nome foi mantido como topônimo do lugar. Hudson pagou em bugigangas aos índios o valor equivalente a 24 dólares, tendo tomado posse pacífica da ilha. Nova Iorque foi chamada, primitivamente, New Amsterdam. Posteriormente, os ingleses chamaram-na de Nova Iorque. Tomada pelos holandeses em 1673, foi denominada New Orange. Mas no

ano seguinte, retomada novamente pelos ingleses, voltou ao nome que mantém até hoje.

MANHATTAN E OS SEUS PROBLEMAS

Sendo Manhattan o mais importante bairro nova-iorquino, é natural que concentre a quase totalidade das atrações da grande cidade. Times Square, Broadway, Quinta Avenida, Central Parque, Rockefeller Center, Park Avenue, Empire State Building, entre dezenas de outras atrações, mas tem também vários e graves problemas de ordem institucional, social e principalmente racial.

O Harlem, Brooklyn, o Bowery, o Bairro Chinês (Chinatown), o próprio Central Park e o esplendoroso Times Square da década dos anos 50, demonstram com clareza a grave problemática sócio-racial do grande país. Mesmo para o turista que visita Nova Iorque pela primeira vez, a pobreza e o espírito de incerteza e desesperança do Harlem, do Brooklyn e do Bairro Chinês, não são suficientes para causar surpresa. Tem-se lido tanto e visto tantos filmes sobre os guetos representados por aqueles bairros, que o visitante está preparado psicologicamente para o pior. Mas a

surpresa afeta o turista quando este passa a constatar a dramática miséria e dramas humanos do Bowery — o aristocrático bairro nova-iorquino de 1940; a prostituição do Times Square, que tomou conta da Broadway, a luxuosa cadeia de lançamentos cinematográficos dos melhores anos de Hollywood e o Central Park, que se tem uma das suas extremidades na linha da Quinta Avenida, avizinha-se com o Harlem na linha norte, tendo ainda a despontar-lhe pelo lado sul os maciços ponteados de Rockefeller Center, Empire State Building e World Trade Center, e mais ao fundo, em plena baía, o facho luminoso da Estátua da Liberdade.

Em síntese, isso é Nova Iorque. Cidade que hospeda Wall Street para onde converge a maior parte do dinheiro do mundo, mas mantém em sua área geodemográfica, como um desafio flagrante ao sistema econômico liberal, as figuras ameaçadoras do Brooklyn, do Bowery, da Broadway decadente, do perigoso Central Parque e sobretudo do Harlem, onde basta um olhar mais insistente do branco para que o negro assuma posição de defesa ou parta diretamente para a agressão física.



Grupo de ijuenses no Farm Progress Show, em Fort Dodge.

O ROTEIRO DA EXCURSÃO

Ao regressarem, a 11 de outubro, os excursionistas da COTRIJUI haviam percorrido de avião e ônibus, cerca de 35 mil quilômetros, num roteiro verdadeiramente estafante em vista do grande número de transbordos e diferentes locais e cidades visitados, mas de grande utilidade em face dos conhecimentos somados ou adquiridos.

Os excursionistas deslocaram-se de Ijuí a Porto Alegre na manhã do dia 18, via rodoviária, tendo embarcado na noite do mesmo dia para Miami, no vôo RG-800 da VARIG, às 20,50, com escala técnica no Rio de Janeiro. A chegada a Miami deu-se às 9 horas do dia 19 (hora local), 10 horas no Brasil.

No dia 20, pela manhã, viagem para Nova Iorque, em vôo pela Delta Airlines e desembarque no Aeroporto Internacional John Kennedy. No dia 22, traslado para o aeroporto La Guardia, para embarque para Chicago pela American Airlines e desembarque no aeroporto internacional Hoara, o mais movimentado do mundo, que apresenta entre decolagens e aterrissagens, um total de 2.400 presenças diárias.

No dia 23, pela manhã, visita de caráter técnico à Bolsa de Cereais de Chicago, organismo famoso pelas altas somas que transaciona a cada dia no setor de cereais, destacando-se

o milho, a soja, e o trigo principalmente.

No dia 24, pela manhã, início de um grande roteiro feito por ônibus, em três estados da região central — Illinois, Minnesota e Iowa — quando foram visitadas dezenas de organizações, entre granjas, fazendas, fábricas de rações, aviários, pocilgas, fábricas de grande porte como a International Harvester, John Deere e cooperativas e universidades. Nesse roteiro, foram visitadas as cidades de Moline, no Illinois; Minneapolis e St. Paul, no Minnesota e Des Moines, Ames, Fort Dodge (Farm Progress Show), Cedar Falls e Waterloo, com retorno a Chicago para viagem e Memphis, no Tennessee.

Em Memphis foram feitas visitas que se desdobraram ainda pelos estados do Mississippi e Arkansas, região que focalizaremos na próxima edição, juntamente com Nova Orleans.

De Memphis vôo a Nova Orleans, onde se visitou o grande Terminal para cereais localizado naquele porto, onde o Mississippi desemboca no Golfo do México. De Nova Orleans, vôo a Orlando, na Flórida, com escala técnica em Atlanta, na Georgia.

Em Orlando foi feita visita turística a Disney World a 8 de outubro, tendo à noite a caravana se deslocado para Miami, de onde voou diretamente para Porto Alegre na noite de 10 de outubro, pela VARIG.

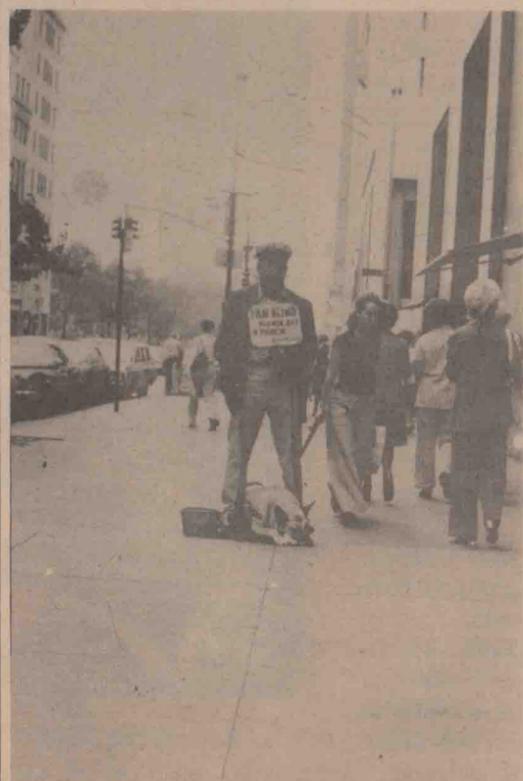


Nova Iorque, do alto do "Empire State".

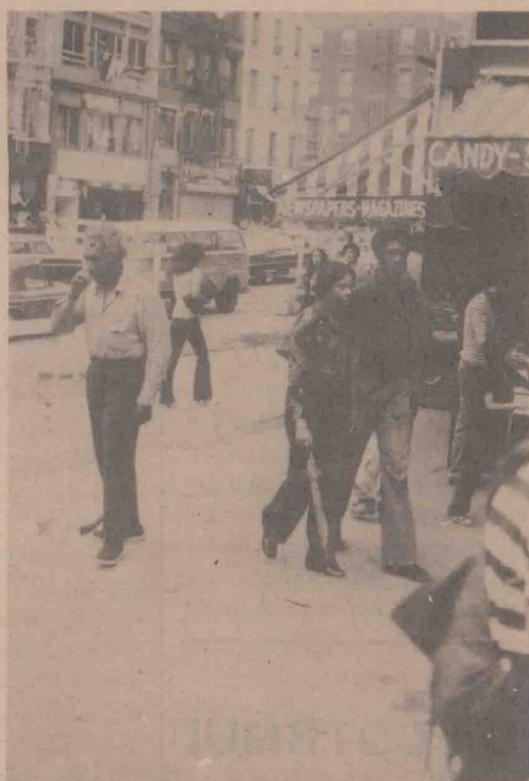
5 FLAGRANTES DE NOVA IORQUE



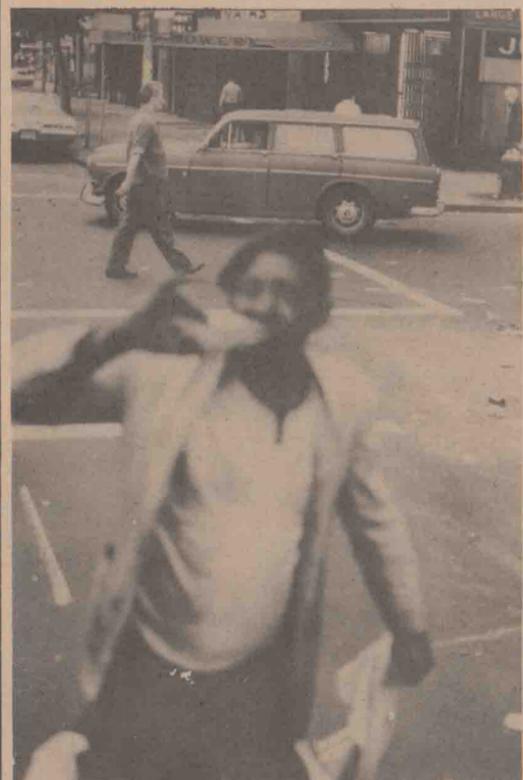
O CASAMENTO



O VENDEDOR



O HARLEM



O BOWERY



A CHINESINHA

É sábado, uma manhã de 21 de setembro de 1974. Os grossos tapetes do "The New York Sheraton" me dão alergia.

Ganho a rua, e em poucos minutos estou passeando na 5ª Avenida.

Os fins de semana em Nova Iorque são silenciosos: a cidade deserta.

Seus fantásticos edifícios, tão movimentados nos cinco dias da semana, parecem morrer de tédio nos "week end". Como se fossem agulhas gigantes tentando espetar o céu, têm a maior parte de seus maços cobertos por um lençol de núvens que cobre Manhattan.

Andando a esmo, máquina fotográfica a tiracolo, sem me dar conta estou diante da bonita Catedral de São Patrício. Parece que para justificar a grandeza dos prédios nova-iorquinos, a St. Patrick's Cathedral também agride as núvens com suas gigantescas torres góticas. Mas aqui, tenho a atenção despertada para um casamento. É o primeiro flagrante deste registro: casam um negro e uma japonesa.

Como só as altas camadas financeiras de Nova Iorque casam na St. Patrick's Cathedral, sou forçado a deduzir que o dinheiro, absolutamente, não é racista.

Prossigo no meu andar itinerante ao longo da 5ª Avenida, rumo ao Central Parque. O sábado, como disse, é tranquilo e mesmo monótono na grande cidade.

Cosmopolita, Nova Iorque, e, principalmente Manhattan, é rica em tipos curiosos que lembram figuras enciclopédicas saídas das páginas da Delta Larrouse.

Aqui, um loiro roliço, que parece ter saído das páginas de um livro de Mark Twain, lambuzava os beiços com o molho adocicado de um hot dog. Mais adiante, um negro de porte atlético passa "olhando por cima", como se ignorasse a presença do branco.

Mestiços do Bairro Latino, asiáticos do Chinatown, operários do Brooklin; homens e mulheres de todos os quadrantes, misturam-se em completa indiferença.

No meio da calçada, um negro; tão imóvel quanto seu próprio cão de guarda, que dorme indiferente.

Um cartaz amarrado no peito diz: "I am blind" — Eu sou cego. Por favor. Compre-me um lápis. Como se vê, trata-se de um homem em pleno trabalho.

Estou no Bowery, bairro aristocrático nova-iorquino da década dos anos 30. Onde está a 3ª Avenida, desfilavam os maiores financistas de Wall Street, as maiores celebridades das artes e os maiores nomes da política norte-americana da época.

O jornalista, que não conheceu Nova Iorque daqueles tempos, presenciava agora, um espetáculo triste. O Bowery é um bairro de bêbados. Centenas de alcólatras transitam dia e noite pelas ruas principais do bairro. Apesar do cuidado dos motoristas, muitos deles morrem diariamente sob os veículos, pois são suicidas em potencial.

Esses borrachos são veteranos de guerra. Brigaram na Coréia, no Vietnã. Hoje são pensionistas do Governo, percebendo 80 dólares semanais, mas com a obrigação de manterem-se circunscritos ao Bowery.

O Harlem é um bairro proibido.

São cinco quarteirões que vão desde a extremidade norte do Central Parque até a rua 135. Seus limites, no sentido leste-oeste, são a 5ª e 8ª avenidas. Sua artéria principal é a Lenox Ave.

O Harlem, onde o branco e principalmente o turista, não devem entrar — pois estão sujeitos a graves perigos — representará uma advertência constante incrustada em pleno coração de Manhattan.

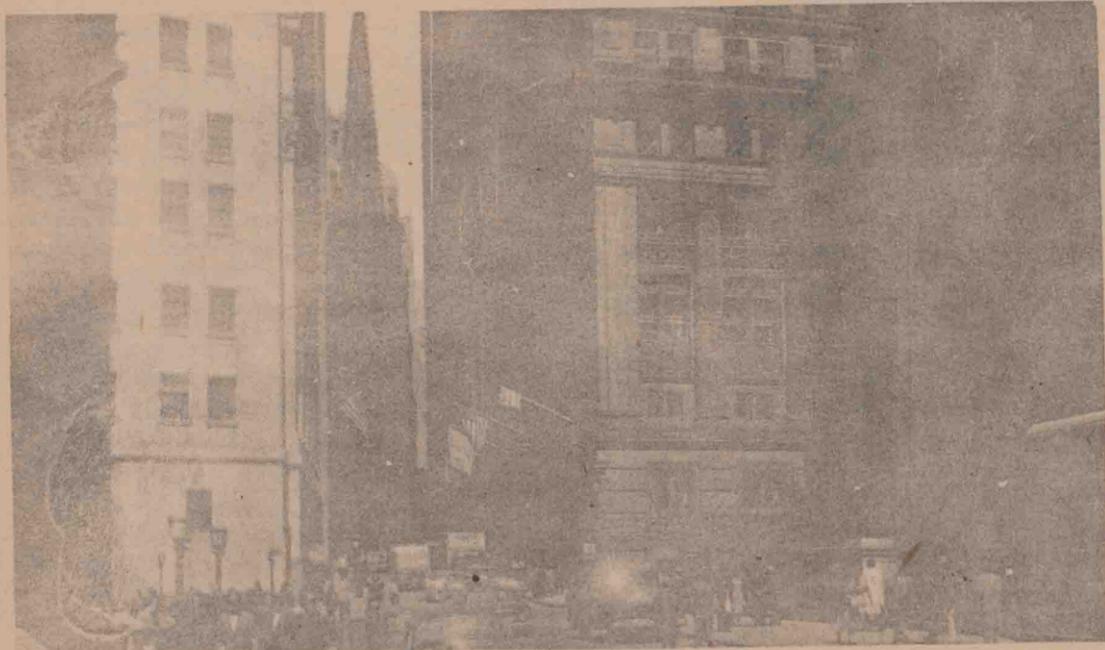
Lembra o escravagismo dos primeiros anos da colonização, lembra a Guerra de Secessão; lembra os generais Lee e Grant e lembra o velho Lincoln, o bondoso presidente-lenhador, primeira e grande vítima do racismo que se enraizaria na consciência americana.

Ligado ao Bowery, nas proximidades do Battery Park, na ponta sul de Manhattan, está o Bairro Chinês — Chinatown. É um aglomerado de edifícios de três pisos, no máximo, sendo os mais novos do fim do século passado.

O bairro é triste, abafado e escuro. Traçado por becos tortuosos e úmidos, é perigoso aventurar-se sozinho, mesmo durante o dia.

A chinesinha de olhos travessos, que posou para a câmara do repórter, é o símbolo da beleza na rudeza do bairro (Raul Quevedo).

"WALL STREET", A RUA DO DINHEIRO



O Coração financeiro dos EUA

Há uma rua em Nova Iorque que mais se parece com um beco localizado em zona portuária de cidade pobre. Seus edifícios, formando paredes negras pela fuligem que em determinados dias cobrem Manhattan, sobem verticalmente, apontando para o alto suas silhuetas de cimento-armado. É wall Street, que se traduz como "rua do muro", e onde estão localizados ou tem suas matrizes os maiores e mais poderosos bancos do mundo.

Em suas origens, no tempo de Henry Hudson, o local serviu de defesa dos conquistadores con-

tra os índios manhattan que dominavam o lugar. As primeiras paliçadas e a maior concentração de defesa dos brancos estavam ali. Por isso, o local serviu de proteção aos produtos comestíveis e todos os valores dos pioneiros.

Anos mais tarde, com a conquista definitiva pelos brancos, as paliçadas foram retiradas mas o mercado de valores permaneceu. Hoje, Wall Street concentra os maiores bancos do mundo, as mais poderosas companhias de seguro e a própria Bolsa de Valores de Nova Iorque, que direta ou indiretamente tem sempre algo a

ver com os destinos financeiros do homem, em qualquer parte do mundo.

Wall Street é feia, escura, abafada. Não tem nenhum atrativo visual. Toda a sua atração é manifestada pelo dinheiro. Durante o expediente comercial, de segunda a sexta-feira, a rua representa uma verdadeira colmeia. Diariamente, são negociados milhões de dólares em ações das mais poderosas companhias do mundo e as moedas oscilam para mais ou para menos à feição dos interesses dos manipuladores que tem seus escritórios localizados na rua das paliçadas.

JORNALISTAS NA EXCURSÃO DA COTRIJUI

A excursão promovida pela COTRIJUI aos Estados Unidos, foi acompanhada por jornalistas de todos os órgãos de comunicação da região e dirigentes de entidades jornalísticas de âmbito estadual, representando, portanto, o jornalismo gaúcho em geral. De Ijuí, além do editor do Cotrijui, viajaram o diretor do Correio Serrano, Claude Nahor Wondraczek; o diretor e redator-chefe do jornal da Manhã, Rudi Germano Feix e Ademar Campos Bindé, respectivamente; o diretor da Rádio Progresso, Décio Barriquelo e pela Rádio Repórter, Emídio Jappe. Pela Rádio Municipal de Tenente Portela, viajou o sr. Elcides José Salamoní.

No âmbito do jornalismo estadual a excursão foi representada pelos jornalistas Alberto André, presidente da Associação Riograndense de

Imprensa e Luiz Pauletti, vice-presidente da Associação dos Dirigentes de Jornais do Interior - ADJORI.

O presidente Alberto André, de quem o Cotrijui publica artigo especial em outro local desta edição, a direção da Cotrijui recebeu a seguinte correspondência:

Ilmo. Sr. Ruben Ilgenfritz da Silva. DD. Presidente da Cotrijui. Senhor Presidente. Tenho a satisfação de me dirigir a V.S., a fim de apresentar os agradecimentos da Associação Riograndense de imprensa e do signatário, pela oportunidade que nos deu a Cotrijui de participação na caravana de agricultores, técnicos, colegas de imprensa e dirigentes que visitou os Estados Unidos, entre os dias 18 de setembro e 11 de outubro. Pelas observações feitas, o roteiro rural e urbano cumprido e o relacionamento possibilitado, penso que a expe-

riência propiciada pela Cotrijui valeu para todos nós, pela riqueza do material coletado e pelo seu alto sentido cultural e humano, ensejando a presença jamais sonhada ou pensada no passado, do contato com agricultura e criação avançadas por parte do nosso agricultor. A visualização das fazendas e granjas, os estudos dos seus dados estatísticos e a análise dos seus processos - tudo isso deverá redundar em resultados efetivos que em muito recomendarão esse pioneirismo. Com a solicitação para que se digno de transmitir aos demais dirigentes da Cotrijui e demais entidades ligadas ao empreendimento, o reconhecimento e os cumprimentos da ARI e de sua presidência, formulo os votos de prosperidade à cooperativa e os protestos do mais elevado apreço. Atenciosamente. Alberto André. Presidente.

BOLSA DE CHICAGO: 126 ANOS NO COM

Em 1848 era fechado o primeiro negócio de grãos pela Bolsa de Cereais de Chicago (Chicago Board of Trade). Nesse tempo, Chicago era uma pequenina cidade encharcada em sua maior parte pelos banhadais do Lago Michigan, que se precipitavam com qualquer chuva através do rio do mesmo nome. Naturalmente, naqueles recuados anos, eram tímidos os negócios feitos pela Bolsa como era tímida a produção dos pioneiros que arrancaram das planícies próximas aos Grandes Lagos, as primeiras colheitas de grãos. Hoje, passados 126 anos de funcionamento da Chicago Board of Trade, 95 por cento das safras norte-americanas de cereais são trocadas ou colocadas através da famosa Bolsa. E de maneira geral, nada menos do que 60 por cento dos negócios globais do país, são feitos igualmente através da Bolsa. Soja, trigo, milho com seus subprodutos; aveia e pastagem em geral, madeira e inclusive prata e ouro passam pelos pregões da Bolsa de Chicago, em negócios que em 1973 alcançaram a cifra de 269 bilhões de dólares. A caravana organizada pela Cotrijui e Bradesco no Brasil e dirigida pela Bramer Tours, em território americano, visitou a Bolsa na manhã de 23 de setembro. Foi projetado um filme para a caravana da Cotrijui mostrando a sistemática dos negócios e o desenrolar dos leilões, no plenário de negócios mais agitado do mundo.

Somente podem participar dos leilões no recinto da Bolsa (pregões) seus membros associados devidamente habilitados. Os negócios de oferta (compra ou venda) são anunciados através de sinais feitos com as mãos e dedos. Cada dedo da mão representa o contrato de uma compra ou ven-

da, conforme se pode ver na ilustração em outro local desta página. Dois dedos à frente, em posição de tesoura, 1/4 de cent de oferta; quatro dedos em formato de leque, meio cent, cinco dedos unidos na horizontal, 3/4 de cent e a mão direita, com os dedos cerrados, full cent. A mão para cima, espalmada em direção ao plenário, compra; a mesma posição, vista pelo dorso, vende. Os sinais são vitais no recinto do pregão, tendo em vista o barulho ensurdecedor que não permite a comunicação oral. A Bolsa é constituída exclusivamente por empresas particulares, que operam nos diversos ramos vinculados, com diversos países do mundo. Com ex-



Nos movimentos das



Uma sessão especial para a caravana d

MÉRCIO DE CEREAIS

ção do Brasil, que não atua diretamente, todos os demais países produtores ou grandes compradores de cereais, têm representantes na Bolsa. Industriais, agricultores e especuladores de mercado são sócios. A quota para associar-se é de aproximadamente 70 mil dólares. O interessado tem de ser apresentado por dois membros atuantes, submetendo-se ainda a um possível veto por parte da Junta Diretiva. Atualmente pertencem a Bolsa 1.400 membros associados, que representam 300 firmas industriais ou comerciais ou ainda grandes importadores e exportadores do gênero "multi-nacionais".



...ões, fecham-se negócios.



COTRIJUI.

A VIAGEM VISTA POR COOPERATIVISTAS

Conforme relação em outra parte da presente edição, divulgamos as atividades e profissões dos componentes da caravana aos Estados Unidos. Dentre os agricultores que viajaram, seis eram dirigentes de cooperativas. Nesta reportagem, focalizamos suas opiniões e pontos-de-vista a respeito.

ARNALDO OSCAR DREWS

O vice-presidente da COTRIJUI, professor Arnaldo Oscar Drews, chefiou a excursão. Por consequência, viveu todos os detalhes da viagem, desde a manhã da saída de Ijuí à 18 de setembro, até o retorno, na tarde do dia 11 de outubro.

Considerando a excursão exitosa sobre todos os pontos de vista, destacou, no entanto, a constatação de que em muitos setores nós temos condições de competição e até mesmo podemos apresentar vantagens. Nesse sentido, é flagrante nossa maior capacitação no setor de armazenagem de cereais. Enquanto os fazendeiros norte-americanos precisam fazer elevados investimentos com armazenagem própria, nossos agricultores possuem boas redes de armazenagem em suas respectivas regiões e mesmo em terminais marítimos de exportação, como é o caso especial da COTRIJUI.

O sr. Arnaldo Drews ressaltou a significação da assistência que os agricultores americanos recebem das universidades, através dos projetos de extensão distribuídos estrategicamente nas regiões de produção. Além do grau de conhecimentos dos fazendeiros ser elevado, equiparando-se, em média, ao nível dos nossos técnico-agrícola, a universidade está presente para a maior divulgação e vulgarização das metodologias a serem aplicadas. Com relação à criação e engorde de gado, em atividade paralela à agricultura, disse o sr. Arnaldo Drews que o sistema nos Estados Unidos proporciona elevada rentabilidade. Lembrou que na área da COTRIJUI está se tentando introduzir o sistema, através do projeto de forrageiras de inverno para engorda de gado no regime de semi-confinamento.

Os americanos, porém nos levam grande vantagem no que se refere a locação de sua agricultura. Eles plantam a maior parte de sua agricultura na Bacia Central, que conforme o próprio nome esta dizendo, constitui-se de terras planas. E criam gado de campo na região além dos Apalaches, nos campos elevados do médio e extremo oeste. Lembra Arnaldo Drews que com relação a nós, dá-se o contrário. Enquanto a campanha gaúcha está entregue a uma pecuária extensiva, explorada segundo processos antigos e ultrapassados, a agricultura está locada em re-

gião de serra, tornando cara a conservação do solo: Estas as questões de maior destaque observadas pelo sr. Arnaldo Drews durante a extensa viagem pelos Estados Unidos.

LUIZ OSÓRIO CHIAPETTA

O sr. Luiz Osório Chiapetta, vice-presidente da Cooperativa de Trigo São Gabriel Ltda, do município de São Gabriel, e que viajou acompanhando a caravana da COTRIJUI, assim definiu para o COTRIJORNAL seu pensamento a respeito da excursão: Cotejando a lavoura de soja americana com a brasileira, na região em que andamos, não vi nada de especial. Igualmente, no que se refere a estrutura de armazenagem, nós estamos bem mais avançados, pelo que se pode ver. Basta dizer que cada produtor americano necessita ter armazéns e secadores nas próprias granjas, o que lhes acarreta um peso financeiro em termos de investimento.

Pesando a nossa situação com a deles, cheguei a conclusão que em termos de cooperativismo, estamos muito bem. A grande supremacia que eles nos impõe, é devida fundamentalmente pela boa colocação de suas lavouras, da tecnologia aplicada com a assessoria das universidades e do perfeito sistema de transporte, fluvial e ferroviário, que eles usam racionalmente e por isso mesmo, barato, finalizou o sr. Luiz Osório Chiapetta.

JANDIR SCHAU ARAÚJO

O presidente da Cooperativa Triticola Santo Ângelo - COTRISA, sr. Jandir Schau Araújo, assim sintetizou suas observações ao COTRIJORNAL relativamente à viagem: Estradas excelentes, transporte fácil, mercado de consumo à feição para tudo o que produzem além da prática de cultivo em regiões próprias, como é o caso da Bacia Central.

O Grande destaque que deve ser ressaltado nas atividades agrárias do país, relaciona-se, no entender do sr. Jandir Schau Araújo, com o sistema de racionalização existente nas granjas. O dimensionamento das propriedades e a distribuição das instalações, tem conotação prática, tendo em vista a maior produção e o conseqüente lucro.

CORONEL TADEU CERSKI

O presidente da Cooperativa Triticola Palmeirense, coronel Tadeu Cerski, considerou a viagem altamente positiva e produtiva. Para os agricultores, valeu como um aprendizado de novas técnicas e para as demais categorias profissionais que acompanharam a excursão, valeu

como um compêndio de análise a observação prática, pois o que se viu e sentiu foi o palpitar de um país altamente desenvolvido e que não para de crescer.

O que lhe impressionou, de maneira particular, foi a estrutura da produção, pois os agricultores usam a excelente maquinaria e a eletrificação abundante, tornando desnecessária a mão-de-obra, que esta sim é cara no país e sobretudo escassa. Outra particularidade que chamou a atenção do coronel Tadeu Cerski, é o fato de os grangeiros viverem sem exceção, em suas respectivas granjas. Nesse sentido, há abundância de infra-estrutura, pois o proprietário rural tem em sua granja todas as vantagens que a tecnologia e o conforto podem proporcionar. No que se refere a transporte, o presidente da COPALMA diz que os americanos atingiram o máximo. Os transportes são usados nas zonas de produção, condicionados ao seu próprio custo. Prevalecendo o transporte fluvial, de preferência e o ferroviário, que são baratos, o transporte por caminhões somente é usado em casos excepcionais.

O sr. Tadeu Cerski ressaltou a excelência topográfica da zona agrícola nos Estados Unidos, ao contrário da nossa agricultura, que é praticada na sua maioria em encostas, o que favorece sensivelmente as perdas por efeitos da erosão.

DÉCIO HENRIQUE ZAGO

O presidente da Cooperativa Agrícola Tupanciretã, médico e triticultor, Décio Henrique Zago, assim respondeu a pergunta feita pelo COTRIJORNAL, relativamente a viagem: A viagem que acabamos de fazer aos Estados Unidos, por convite amável da COTRIJUI, foi coroada de pleno êxito, tendo preenchido as finalidades a que se propunha. Com efeito, o conhecimento adquirido por esse grupo de agricultores, de técnicas avançadas e novos tipos de implementos e modalidades diversas de transportes e armazenagem, comercialização, etc., trarão, não tenho dúvida, um grande aperfeiçoamento no sistema agrícola de toda a região noroeste do Rio Grande do Sul. E não somente isso. No futuro, esses agricultores poderão por em execução aquele tipo de exploração grangeira como por exemplo o engorde em confinamento e a criação intensiva de aves, suínos. Um dia, talvez não muito distante, teremos em nosso meio esse tipo de desfrute, que é moderno, racional e compensador, pelo maior lucro que proporciona. Tivemos, em variadas oportu-

nidades, ocasião de verificar diferenças notáveis em relação a nossa conjuntura agrícola, como destaque a seguir: baixos preços dos fertilizantes, preços especiais para os óleos diesel, beneficiando a produção agropecuária; assistência técnica às granjas desde o planejamento até a colheita e comercialização dos produtos pelas universidades, em programas de extensão nas diversas regiões produtoras por onde passamos.

Ao finalizar, desejo expressar meus parabéns à COTRIJUI, que teve a feliz idéia de organizar e realizar essa viagem de estudos. Também desejo parabenizar os componentes da excursão, que se conduziram de maneira notável, procurando tirar o máximo proveito do que foi visto durante a gira.

PERCI CARDOSO COSTA

O Engenheiro Agrônomo Perci Cardoso Costa, é diretor-técnico da Cooperativa Triticola-Çaçapavana. No seu entender, a viagem levada a efeito sob a organização da COTRIJUI, abre novas perspectivas para um grande número de pessoas que por 23 dias teve oportunidade de tomar conhecimento de novas técnicas e novo sistema de vida. Os pontos fundamentais da viagem, para o técnico, são sintetizados nos seguintes itens: diversificação das culturas, com o apoio das criações principalmente gado e suínos, criados em regime de confinamento e a perfeita sistemática de comercialização e transporte do que é produzido, pois tudo o que é produzido tem mercado certo e a preços compensadores.

NEDY RODRIGUES BORGES

Diretor do Departamento Técnico da COTRIJUI, o engenheiro agrônomo Nedy Rodrigues Borges observou muito e fez importantes anotações a respeito da tecnologia aplicada nos diversos setores agropecuários do país visitado. Nesta mesma edição, estamos publicando artigo de sua autoria versando sobre as práticas extensionistas que verificou. No futuro em próximas edições do COTRIJORNAL, publicaremos outros artigos de sua autoria. Nesta reportagem, o técnico assim sintetizou suas observações principais: o casamento agricultura-pecuária, praticado em perfeita racionalização, a pesquisa e a extensão simultâneas; quer dizer a extensão levando para consumo do produtor os mais recentes resultados da pesquisa, o treinamento dos agricultores nas próprias dependências das universidades e finalmente a fenomenal estrutura do país.

COMO FOI CONSTRUIDO ESSE GRANDE PAÍS ?

O visitante de hoje tem a atenção despertada para as modernas autoestradas, as grandes ferrovias, o perfeito sistema de aproveitamento da navegação interior, que corta o país em várias direções e os modernos e bem equipados aeroportos, que tornam a viagem aérea um fato corriqueiro dentro do país.

E no entanto, apenas algumas gerações atrás, as montanhas, os muitos rios e mesmo as planícies baixas e úmidas, representavam barreiras e difíceis obstáculos que só podiam ser vencidos à custa de muita fibra, coragem e determinação. Hoje ainda é possível ver os sinais desse espírito indomável dos pioneiros: na Cadeia das Cascatas, as rochas guardam as marcas das cordas com as quais os homens baixavam suas carroças até a margem do rio lá em baixo. Na Sierra Nevada, a autoestrada passa por um desfiladeiro que antigamente era tão estreito que as famílias dos pioneiros, para atravessá-lo, tinham de desmontar peça por peça suas carroças, transportá-las para o outro lado e depois montar tudo de novo. As chamadas Planícies Marcadas, na parte meridional das Grandes Planícies, são uma região tão plana e imutável de horizonte a horizonte, que os viajantes do passado, para não se perderem, tinham que marcar o caminho com estacas enfiadas no chão. Alguns exploradores do labirinto de vales do oeste espalharam sementes de mostarda, que, ao crescerem, formaram tri-

lhas amarelo-vivo pelas quais podiam se orientar.

Mesmo nos Montes Apalaches, houve desbravadores de fronteiras, espíritos rijos e aventureiros. Quase sem nenhum pretexto, aprenderam os segredos da sobrevivência em regiões virgens e desertas. Prevalendo o espírito de sobrevivência, dedicaram-se à descobertas e à abertura de veredas na mata virgem ou na montanha, por onde colocavam-se a salvo ou construam sua morada e cultivavam suas lavouras. Muitos aspectos modernos da paisagem dão prova ainda hoje de formas do arrojo de outras gerações que se recusaram a curvar-se ante o impossível dos obstáculos topográficos.

Ainda nos dias de hoje, somente homens decididos e fortes podem galgar as montanhas varridas pelas tempestades de inverno afim de desobstruir os postes e fios que transportam a energia elétrica e os sinais de comunicação, vitais à coletividade. Ferrovias agarradas quase aos picos das montanhas, pontes atravessando gargantas profundas, fitas de autoestradas que descem vales profundos, sobem aclives violentos e se perdem na linha do horizonte, tudo isso foi construído com muito esforço e dedicação.

Afirmam os geólogos que muito da geografia e da história dos Estados Unidos foi determinado há cerca de 25.000 anos. Nessa recuada época, a grande calota polar fez as últimas transfor-

mações no continente americano. Os glaciares determinaram o tamanho e a bacia dos Grandes Lagos. Mudaram a direção do Missouri e abriram o canal do rio Hudson; arrastaram o solo de uma grande região do Canadá para os Estados Unidos, criando dessa forma a Bacia Agrícola Central, uma das mais ricas regiões de cultivo do mundo e que analisamos adiante nesta série de reportagens do COTRIJORNAL.

Na costa do Atlântico, o litoral do norte é rochoso e inóspito, mas no centro e no sul é suave, passando de pântanos ou faixas arenosas para uma baixada ondulante. Ainda do lado do Atlântico, correndo obliquamente para leste, estão os Apalaches, montanhas de formação antiga. Do outro lado dessa cadeia está a grande Baixada Central, que ainda segundo os geólogos, se assemelha topograficamente às planícies da Europa Oriental ou da Mandchuria, às grandes Planícies da Austrália, às savanas da África ou ao pampa, tão nosso conheci-

do. Ao norte da Baixada Central, estendidos por mais de 1.500 quilômetros, estão os Grandes Lagos, que os Estados Unidos compartilham com o Canadá. Esses cinco grandes mares interiores — formados pelos glaciares que um dia cobriram a parte setentrional dos Estados Unidos — contêm, ao que calculam os geólogos, metade de toda a água doce do mundo. Suas ondas agitadas pelo vento se estendem das praias até perder de vista. No inverno, os lagos congelam na superfície ou ficam bloqueados por grandes massas de gelo.

As grandes planícies lançam-se para oeste, onde são cortadas abruptamente pelas Montanhas Rochosas, a "espinha dorsal" do país. Os geólogos são unânimes em afirmar que as Rochosas são montanhas novas, igualando-se aos Alpes europeus, Himalaia asiático e os Andes Sul-americanos. A terra a oeste das Montanhas Rochosas apresenta-se como um caos de montanhas,

mas os geólogos enquadraram-nas na condição de regiões "topograficamente distintas" e variadas. Os platôs do Colorado — onde se encontra o Grand Canyon, de quilômetro e meio de profundidade — são formados de matéria arrastada das Montanhas Rochosas.

O Platô do Columbia, ao norte, como o platô do Decão, na Índia, nasceu de um enorme corrimento de lava que sepultou velhas montanhas e encheu vales até uma altura superior a 100 metros. A cadeia das Cascatas originou-se de vulcões e nela se encontra o único vulcão ativo dos Estados Unidos. À orla do Pacífico está a Cadeia Costeira, de montanhas relativamente baixas. Os terremotos que de vez em quando ocorrem na região indicam que nela prossegue o processo de formação de montanhas.

Essa é uma análise geográfica que abrange os pontos principais do grande país, para o que o redator usou variada bibliografia.



De Leste a Oeste, a ferrovia; de Norte a Sul, a hidrovía.

PLANTE SORGOS

A NOSSA MAIS NOVA RIQUEZA

Sorgos Híbridos CONTIBRASIL. Menos custos na lavoura. Maior rapidez entre o plantio e a colheita. Maior resistência às más condições do tempo. A mais nova riqueza agrícola do Brasil é o sorgo.

SORGOS HÍBRIDOS

CONTIBRASIL

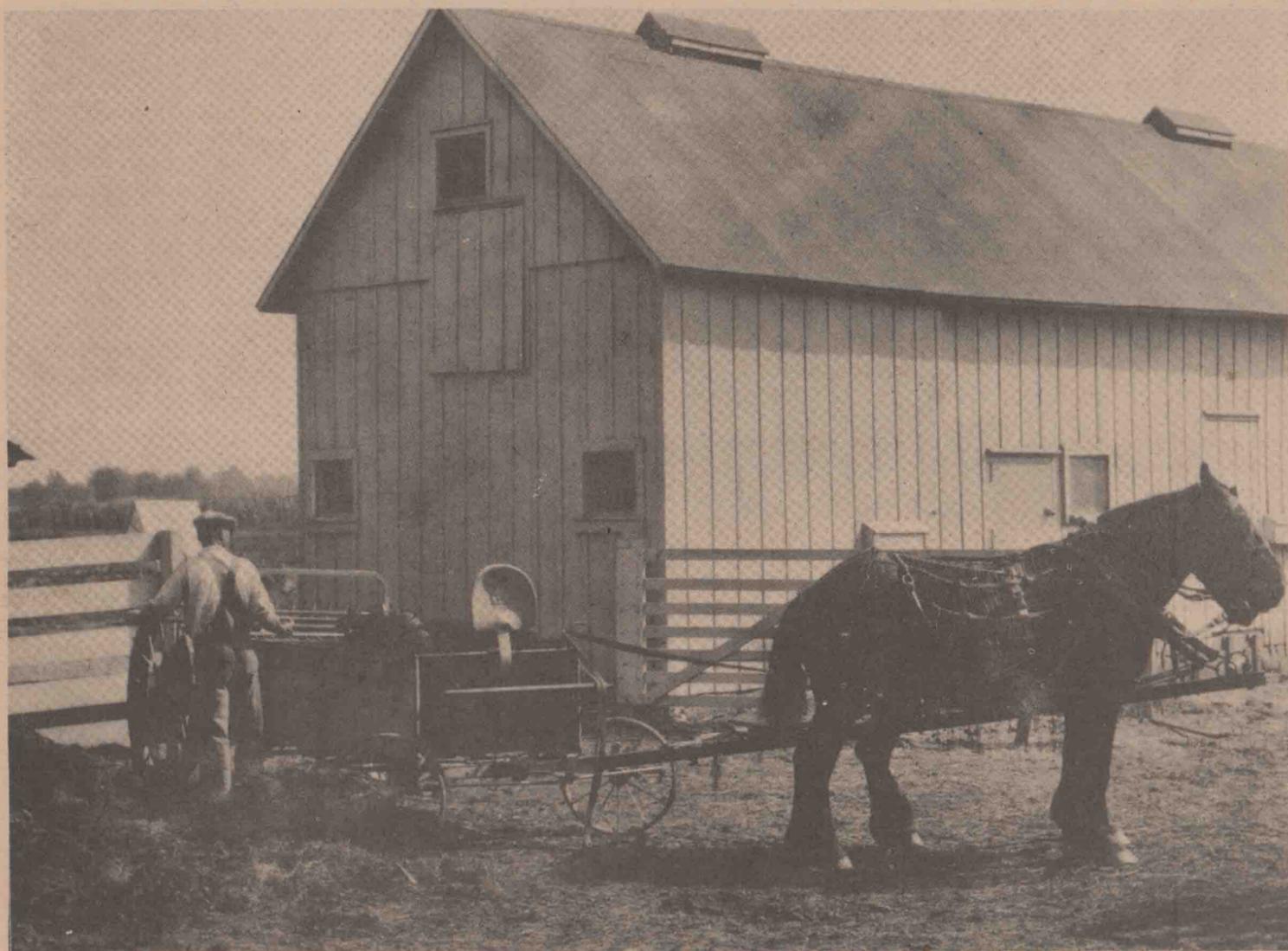
Informações e Pedidos:

A. HEBERLE

Exportação e Importação Ltda.

Rua dos Andradas, 1560 - Galeria Malcon
17º andar - Fone 25-8386 - Porto Alegre

EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO NORTE-AMERICANA



O cavalo representou papel importante no trabalho. Hoje, foi substituído pela máquina (abaixo)

Desde 1790 que se realizam recenseamentos nos Estados Unidos. Quando foi realizado o primeiro censo, a maior parte do país não tinha sequer sido desbravada ou não pertencia aos Estados Unidos, mas sim à França e à Espanha.

Por volta de 1830, quando os Estados Unidos tinham

adquirido através de guerras ou mediante compras a parte oeste do país, unificando-a politicamente, a população estadunidense não ia além dos 15 milhões de habitantes. Mas o grosso dessa população vivia no leste, principalmente em torno das 13 colônias primitivas do tempo da Nova Inglaterra.

Quase todo o vasto oeste era habitado unicamente por tribos de índios. Na ocasião, todos acreditavam que seriam necessários de 1.000 a 2.000 anos para povoar e desenvolver todo o país. No entanto, a rapidez com que o oeste foi colonizado constitui-se no mais extraordinário fenômeno da história.

No espaço de apenas uma geração, milhões de hectares de florestas, lagos, rios e campinas foram convertidos em fazendas e em cidades industriais. Por volta de 1850, quando foi descoberto ouro na costa da Califórnia, a colonização tomou impulso vertiginoso. A última região a ser colonizada foi a das áridas planícies a leste das Mon-

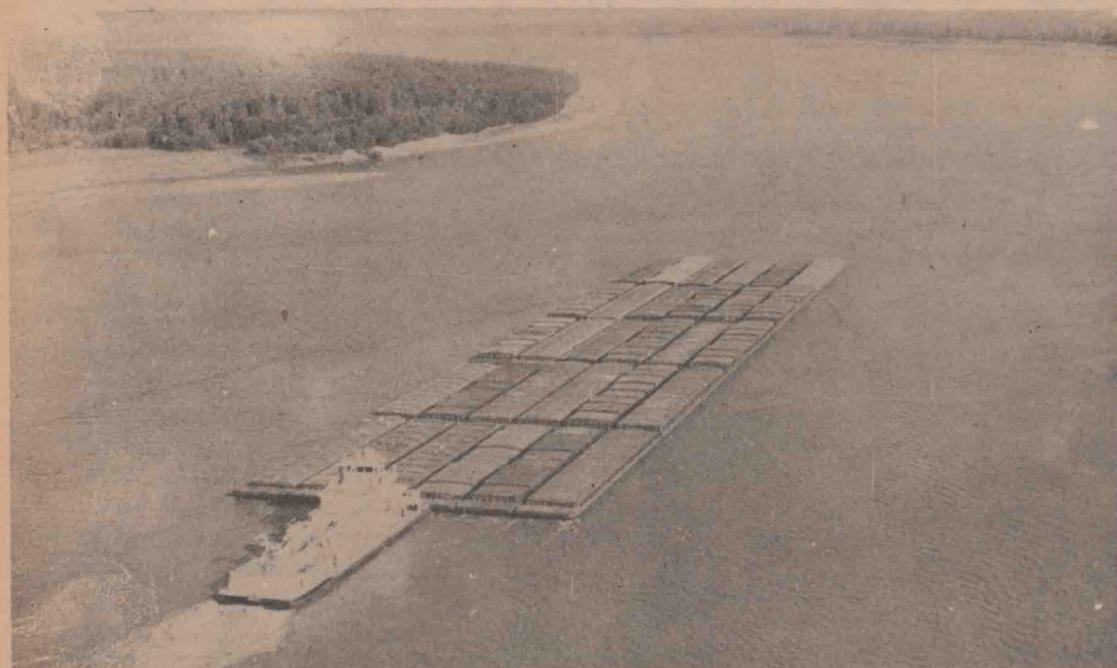
tanhas Rochosas, além do Canyon.

Os Estados Unidos começaram com a união de um grupo de 13 colônias, ou 13 estados. Eram as colônias que em 1776 romperam com a Inglaterra e sustentaram a guerra da independência, por seis anos, transformando-se nos Estados Unidos da América. Dezesesseis estados ocupam hoje o território em que se distribuíam os 13 primitivos e mais 34 foram admitidos na união. Os estados mais novos são o Havai e o Alasca, admitidos em 1959.

Muitas das fronteiras estaduais parecem traçadas de acordo com uma divisão geométrica. Na verdade, todo o território dos Estados Unidos a oeste dos primitivos estados foi levantado em blocos retangulares regulares, de milhas quadradas. Essa maneira de dividir a terra refletiu-se no traçado das fronteiras estaduais. A impressão que se tem é de que os homens que organizaram o país e estabeleceram esse plano de levantamento topográfico interessavam-se profundamente pelas matemáticas. Talvez estivessem influenciados por filósofos como Isaac Newton, o sábio inglês, que procurava demonstrar como o universo se movia de acordo com leis matemáticas. Pareciam esperar que a harmonia geográfica dos estados se refletisse no campo das relações humanas entre os cidadãos. Um dos resultados dessa política territorial vigente hoje, é que os estados que partilham os mesmos cursos d'água ou a mesma cadeia de montanhas, aprenderam a cooperar uns com os outros afim de desenvolver ao máximo os respectivos recursos comuns.



A DISTRIBUIÇÃO DAS CHUVAS A VEGETAÇÃO, O CLIMA E A ECOLOGIA



O Mississippi é uma bênção do céu para os E.U.A.

No hemisfério norte, o lado ocidental do continente é particularmente favorecido pelos ventos dominantes. Pois as terras do oeste recolhem as chuvas que vêm do oceano, trazidas pelos vendavais que varrem o hemisfério do oeste para leste.

A infelicidade geográfica dos Estados Unidos, segundo seus geógrafos, é que as montanhas das Cascatas e da Sierra Nevada correm, ao norte e ao sul, demasiado próximas da costa ocidental. Essas altas montanhas ficam com a parte do leão das chuvas benfazejas trazidas do oceano. São elas que transformam em terras áridas e semiáridas uma região que se encontra na mesma trajetória dos ventos que sopram nas Ilhas Britânicas, França, Alemanha, Itália e Europa Oriental. Quase toda a metade oeste dos Estados Unidos está sob o "guarda-chuva" dessas montanhas. Em grande parte desse vasto território, a agricultura depende, para sua irrigação, das águas da neve ou das chuvas retidas pelos picos das montanhas.

Uma das mais importantes fronteiras geográficas dos Estados Unidos é o regime pluviométrico de 20 polegadas (508 milímetros), que traça uma linha norte-sul dividindo o país quase

exatamente pelo meio. Os lavradores do lado oeste batizaram essa linha imaginária como a "linha da desgraça", devido aos prejuízos causados pelas secas. Mas no lado leste dessa linha — por onde andou a caravana da COTRIJUI — os Estados Unidos são uma terra de lavoura úmida e por isso mesmo, de agricultura e pecuária altamente desenvolvidas.

O MISSISSIPPI

Como o rio Amazonas no Brasil, o Nilo no Egito, o Volga na Europa e o Ganges na Ásia, o Mississippi, que corta os Estados Unidos em seu sentido norte-sul, desde as Montanhas Rochosas até o Atlântico, é o verdadeiro "pai das águas" no dizer das populações ribeirinhas. É um dos maiores rios de drenagem continental do mundo. Suas águas são recolhidas de dois terços do território norte-americano e junto com as de seu principal tributário, o Missouri, percorrem quase 6.400 quilômetros até se lançar no Golfo do México, sendo o mais longo curso de água navegável que se conhece no mundo.

Em todo o seu curso inferior, é um rio sinuoso, que parece descer espreguiçando-se mansamente. Mas essa aparência é ilusória. A custa de terríveis enchentes, os americanos aprenderam a não lutar contra a força do poderoso

rio; mas aceitá-lo como ele é. Ingentes trabalhos tem se desenvolvido no percurso de suas margens, promovendo a drenagem de suas áreas ribeiras, conservação e recuperação do solo, das pastagens e das florestas. O trabalho de recuperação e conservação das áreas próximas ao Mississippi chegou ao seu auge na década de 30 — New Deal, de Roosevelt — com o início dos trabalhos de recuperação da Bacia do Tennessee. O trabalho, que se processa ainda com menor intensidade, desenvolveu-se através da TVA — Tennessee Valley Authority — organismo que em cerca de 20 anos quintuplicou a capacidade energética norte-americana e regulou o sistema de navegação interior em vastíssima área do território.

Hoje, quando falamos em ligação Jacuí-Ibicuí, com vistas ao nosso sistema de navegação fluvial e lacustre através das lagoas dos Patos e Mirim, nada melhor do que observar o sistema adotado pela TVA.

Os Estados Unidos mantêm uma navegação interior pujante, graças à sua hidrografia e consequente aproveitamento da mesma. Como o Mississippi, muitos rios menores que nascem a leste das Montanhas Apalaches desaguardam no Atlântico. Por isso, as Montanhas Rochosas são chamadas de "o divisor continental", porque todas as suas águas de leste correm para o Atlântico e todas as do oeste para o Pacífico.

Os dois grandes rios do lado do Pacífico são o Colorado, ao sul, e o Colúmbia, ao norte, que nasce no Canadá. Esses dois rios são muito usados inclusive para irrigar lavouras no oeste, onde as precipitações pluviométricas não ocorrem em abundância. Mas o rio campeão de irrigação é o Rio Grande, que demarca a fronteira dos Estados Unidos com o México. Esse rio, sinuoso e corredor, antes de encontrar o oceano, é usado cinco vezes para irrigação.

Diz a história da colonização que quando os primeiros viajantes se aproximaram da costa norte-americana ficaram surpresos e deliciados com o "cheiro de mato", que era o primeiro sinal de que tinham terra pela frente. Era o aroma das densas florestas que cobriam toda a parte leste do país; um aroma doce, "que se sentia até muito longe, no alto mar".

Para os colonos europeus dos séculos 17 e 18, quando o leste ainda estava sendo desbravado, essas florestas aparentemente sem fim eram ao mesmo tempo um deslumbramento e um desafio. As crianças cresciam fascinadas pelos mistérios e belezas das florestas. Pois esta é uma herança que o norte-americano conservou até hoje.

Apesar dos primeiros colonos terem tido necessidade de "arrasar" densas florestas, necessidade essa que foi seguida por seus descendentes em diversas gerações, através de uma rígida política de reflorestamento, os Estados Unidos tem podido conservar e em certos casos até ampliar suas áreas de florestas. Essa bonita realidade americana, que impressionou vivamente os excursionistas da COTRIJUI, é um exemplo que deve ser seguido por todos os povos do mundo.

A árvore, a grama, o verde, são presenças constantes na vida norte-americana. A vegetação bem ordenada completa a panorâmica do país, que está transformado num verdadeiro mar de clorofila que tomou conta do oxigênio que se respira em todos os quadrantes do país.

As cidades mais novas dos Estados Unidos dão a impressão de terem sido construídas dentre selvas virgens. A impressão mais visível é que os engenheiros projetaram e executaram planos residenciais em meio a florestas seculares. Mas não é verdade. Na realidade, nem sempre foi assim.

Houve época em que o país enfrentou graves problemas ecológicos. Ferido pela ação devastadora dos colonos, que derrubavam os melhores pedaços da mata, geralmente nas encostas de rios para aproveitar as correntezas que transportavam os troncos abatidos para as serrarias, o país chegou a estar com um mínimo de reservas florestais.

O GRANDE AVISO

Mas a advertência veio um dia com características de tragédia, que abalou a consciência americana desde os Grandes Lagos

até o Rio Grande. No dia 11 de maio de 1934, a população de Boston parou nas ruas para contemplar o céu toldado por uma névoa amarelada. Através do continente, numa extensão de cerca de 3.000 quilômetros, uma densa camada de poeira ocultava o sol. Milhões de toneladas de areia fina estavam sendo levadas para o oceano, pelos ventos incessantes vindos das Grandes Planícies. Era o começo da grande estiagem que arruinou a sexta parte do solo norte-americano.

Secaram poços e rios. A poeira invadiu as casas, paralisou as máquinas e até os moinhos de vento. As colheitas ficaram perdidas, os animais morreram de sede e dezenas de milhares de pessoas abandonaram suas casas e foram embora da planície.

Qual a razão dessa tragédia?

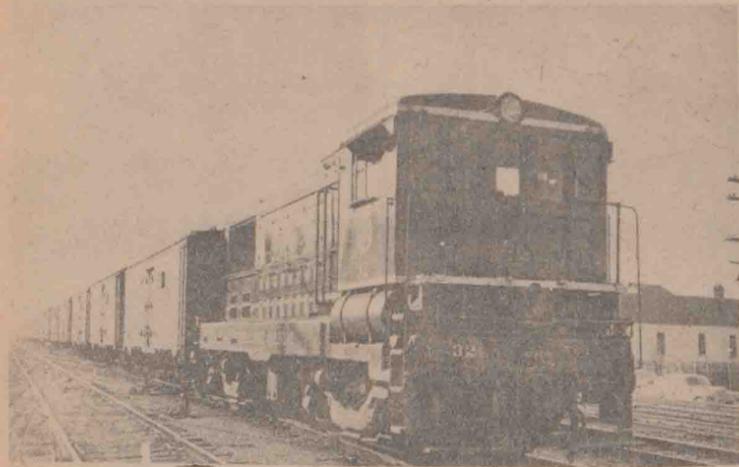
Menos de um século depois de a terra ter sido arada pela primeira vez, o solo estava devastado. Pois era a camada superior desse solo que o vento arrastava para o mar, formando núvens sinistras.

Não havia dúvida que o homem falhara no cultivo das planícies. Quer dizer: os lavradores não utilizaram a terra como deviam, por não a terem compreendido.

Então, em face da tragédia da seca e do pó, eles pararam para pensar. De que maneira poderiam recuperar a superfície do solo nú e ressequido? Como aquela terra seca poderia de novo ser reparada para receber a semente e produzir alimentos?

Até fins do século XIX o povoador norte-americano limitava-se a trocar de terra quando a antiga deixava de ser produtiva. Mas naquele dia trágico de maio de 1934, surgiu a necessidade de uma reflexão. Dessa reflexão nasceu a realidade: não havia mais terra disponível. A fronteira fora alcançada. Começou então a grande luta pela recuperação das terras. Agricultores, agrônomos, cientistas e funcionários do governo foram convocados para o grande trabalho de salvação nacional. E junto com a disseminação das técnicas de solo que salvou o país, começou a ser desenvolvido um intenso trabalho de florestamento.

Hoje, as Grandes Planícies produzem mais trigo do que em qualquer outra parte do mundo. O solo é úmido, o ar é fresco e as árvores dão sombras e purificam o ar. Depois do mar de pó que cegou as populações da região em 1934, o lugar foi transformado num mar de trigo, alimento para milhões de norte-americanos.



No decorrer do século XIX, o trem conquistou o país.

REGIÃO CENTRAL E O CINTURÃO DO MILHO



— O menino e o milho do Cinturão

devidamente nutrientes e ideais.

Duas são as razões por que os fazendeiros norte-americanos plantam milho em tão grandes quantidades. A primeira é o rendimento natural das colheitas. Para cultivar um acre de milho precisa-se de doze vezes menos semente do que para um acre de trigo e o rendimento de um acre de milho é bem maior do que o de um acre de trigo. A outra principal razão é que os métodos de cultivo em todas as zonas importantes do "corn belt" foram altamente aperfeiçoados. Os plantadores de milho, principalmente os do cinturão, utilizam máquinas para todas as fases de seu trabalho agrícola, desde a preparação da terra e a fertilização, até a colheita e debulha. Essa maquinaria é vital porque o fazendeiro, para agricultar suas terras e cuidar simultaneamente de seus rebanhos, mesmo nas épocas críticas da safra, não dispõe de ninguém exceto seus próprios familiares para auxiliá-lo. Mas seus filhos passam a maior parte do dia na

escola; sendo a solução, a máquina.

No cinturão de milho as construções de maior vulto são os armazéns de depósito, os estábulos e os depósitos de máquinas. Em muitas propriedades o parque de máquinas é tão grande que não há tempo e seria mesmo muito dispendioso construir galpões para a sua guarda. Elas ficam expostas ao tempo, nos arredores das propriedades.

O RENDIMENTO

Segundo velhas estatísticas, entre 1866 (quando apareceram as primeiras estatísticas regulares de milho) e 1939, o rendimento médio anual do milho oscilava entre 20 e 30 "bushels" de grão por acre (um "bushel" 56 libras/peso). A partir de 1940 começou a aumentar em ritmo acelerado. Em 1948 já alcançava 43 "bushels" e hoje é comum rendimentos entre 90 e 100 "bushels" médios. O recorde de 224 "bushels" por acre foi estabelecido no estado de Iowa, onde a mis-

são da COTRIJUI esteve por vários dias e inclusive visitou o Farm Progress Show, nas proximidades de Fort Dodge.

Os americanos continuam cultivando o chamado milho híbrido, que dá maior rendimento que o milho comum. Além disso, segundo os fazendeiros é mais forte e possui melhor sistema radicular. Eles plantam diferentes variedades híbridas, conforme os determinados climas e solos. Algumas variedades produzem mais óleo, outras são mais ricas em certos minerais e proteínas. A própria altura dos pés tem de ser uniforme, devido a totalidade de colheita mecânica.

Quando o redator visitou a região, acompanhando a excursão da COTRIJUI, de 25 de setembro e 4 de outubro, o milho não estava em condições de colheita, mas se observou a uniformidade das lavouras, tanto as suas linhas de plantio como altura de inserção de espigas, o que facilita o trabalho de colheita mecânica.

Os americanos dizem que nas quentes e calmas noites de verão na região central do país, o silêncio é perturbado por misteriosos estalidos, rangidos e sussuros. Os homens gostam de sair de casa para escutar, pois afirmam que é a música do milho crescendo.

A região é chamada de o cinturão do milho. É fácil uma pessoa perder-se num grande milhoal crescido, porque não se pode olhar nem por cima nem por entre os caules e folhas. O jeito é seguir em linha reta entre as fileiras, andando as vezes mais de um quilômetro até encontrar a primeira estrada que margeia a plantação.

Tudo na região do cinturão de milho, é traçado em linhas retas e retângulos; as estradas, os pátios das fazendas e dos estábulos, as construções, as lavouras e os campos. Com exceção dos anos de seca, a severidade dessa paisagem retilínea é no entanto suavizada pela exuberância do verde que a natureza proporciona e o capricho do homem realiza. O americano é louco pelo verde. Ele, talvez lembrando a tragédia de 1934 na região central (veja a reportagem, A vegetação, o clima e a ecologia), é hoje um apaixonado preservador dos elementos mais ativos da ecologia: as árvores e os pássaros.

Mas o assunto desta reportagem é o milho. E o milho não é apenas o rei do cinturão; é também a mais importante safra americana. É tão vital no concerto da agricultura do

país como é o ferro para a indústria. De cada dois fazendeiros em três, plantam milho. De cada quatro acres (um acre tem cerca de 4.000 metros) de terra cultivada, um é de milho. A safra anual de milho nos Estados Unidos é maior do que as de trigo, aveia, cevada, centeio e arroz, reunidas.

Talvez um dos maiores recursos de que dispõem os Estados Unidos seja a capacidade de seus agricultores e de seu solo de produzirem grandes quantidades de milho. Isso porque cerca de três quartos da safra de milho são destinados à alimentação de animais. Para o povo americano, o milho chega à mesa como alimento mas em forma de leite, de queijo, de manteiga, de ovos, de carne de gado, de porcos e de galinha. Outra parte chega à mesa em forma de alimentos industrializados como óleo, farinhas vitaminadas (Corn Flaks) e amidos. Utilizado de diversas maneiras, o milho se constitui no próprio alicerce do suprimento de alimentos nos Estados Unidos e também na formação de muitos outros alimentos que o país exporta para carrear divisas.

Os cientistas descobriram que todas as civilizações pré-históricas das Américas foram baseadas no milho, que acreditam tenham aparecido primeiramente na região Amazônica. Outros cereais são demasiado caros para servir de alimento para animais em tão grandes quantidades, além de não serem

**A TREVO SAÚDA
OS 9 MIL
ASSOCIADOS
DA COTRIJUI
PELA
INAUGURAÇÃO
DOS
SUPERMERCADOS
DE AJURICABA E
SANTO AUGUSTO.**

Dois supermercados-um em Ajuricaba e outro em Santo Augusto.

A Trevo estará presente nestes dois centros de venda, apresentando seu adubo para hortas e jardins, em pacotes de 2 quilos.

Sua primavera será mais verde com os adubos em pacote da Trevo, que você encontra agora também nos supermercados da Cotrijuí.

ADUBOS  TREVO

INDÚSTRIAS LUCHSINGER MADÖRIN S.A.

A Cotrijuí criou um novo serviço para atender os seus milhares de associados.

A DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO



O cavalo, um hábito que vem da época da colonização.

Por mais que procure em toda a Bacia Central e embora veja milhares de fazendas e centenas de pequenas ou grandes aglomerações rurais, o visitante dos Estados Unidos jamais encontrará uma vila rural ou aldeia na forma como é comum no Brasil e nos demais países americanos e mesmo europeus. Isto é, uma série de casas juntas umas às outras, onde vivem os que trabalham nos campos

circunvizinhos. Em todo o país, são raras essas vilas ou aldeias.

Cada família de agricultores vive separadamente em sua própria terra, muitas vezes bastante afastado do vizinho mais próximo. Essa ausência de aglomerações urbanas e vilas rurais é difícil de entender, especialmente quando se sabe que a totalidade dos primeiros colonos, bem como a maioria dos que lhes seguiram, eram ori-

ginários de aldeias rurais da Europa.

Na verdade, quando foi colonizada a costa do Atlântico em princípios do século XVII, tanto as autoridades coloniais como os próprios imigrantes esperavam que a maioria dos colonos iria se concentrar em vilarejos. Na Nova Inglaterra, realmente, foi o que aconteceu. Mas com a marcha para o oeste e respectivas conquistas da região em passos sucessivos até o Pacífico, os colonos foram se afastando cada vez mais entre si. O analista tem dois argumentos para justificar o fenômeno demográfico americano. O primeiro deles pode ter relação com as grandes extensões de terras conquistadas e a necessidade de manter-se vigilante em sua defesa, sob pena de voltar a perdê-las para os índios ou para os aventureiros brancos que seguiam na esteira dos colonos pioneiros. A outra e mais convincente razão tem vinculação com os credos religiosos seguidos pelos colonos. Perseguidos nos diversos países europeus por suas crenças baseadas na linha reformista de Lutero, de Calvino, John Huss e outros reformadores, esses colonos, ao chegarem na América, isolavam-se dos demais, passando a viver e fazer seus ofícios religiosos apenas com os respectivos familiares. Para esses colonos desconfiados e rudes, bastava a posse de uma bíblia para a leitura dos salmos e a oração em família. A herança da bíblia persiste até hoje, sendo um fenômeno nacional. Em qualquer hotel que o visitante chegue, pode estar certo de encontrá-la, geralmente luxuosamente encadernada. A própria expressão "In-God we trust", cunhada nas moedas americanas dá a dimensão da preocupação dos americanos com as coisas da religião e da fé.

Até o aparecimento do automóvel e conseqüentemente das estradas, a lavoura representava

vida solitária e sempre trabalho duro. Para vencer, o colono e sua mulher tinham de enfrentar todos os revezes e conhecer todos os trabalhos, sem contar com mais ninguém. Hoje o país está cortado de estradas e os próprios agricultores possuem excelentes automóveis para circular por onde pretendam. Não há, por outro lado, nenhum perigo de manifestação religiosa ou política, mas a verdade é que o isolamento, seguido de pais para filho desde há 200 anos, marcou uma característica na formação social do povo.

Mas esse isolamento hoje passou a ser problema na vida rural. A televisão e outros veículos de comunicação estão levando a imagem das cidades do leste e do sul e com isso provocam os filhos dos fazendeiros, que já não se sentem bem, como antigamente,

no isolamento de suas propriedades. Os "velhos" queixam-se de que seus filhos, ao completarem 18 anos, mal saídos da escola, não querem permanecer nas fazendas. Esse isolamento dos "velhos" e a conseqüente diminuição da mão-de-obra agrícola é compensado hoje pela máquina que domina todos os setores de trabalho, como um substituto obediente e dócil nas mãos caledonadas e experientes dos colonos.

A preocupação consiste em saber o que acontecerá quando os "velhos" de hoje desaparecerem. A não ser que a sofisticada tecnologia dos americanos consiga criar máquinas "pensantes" capazes de substituir os "velhos" de hoje, os ricos campos agrícolas que povoam a região central perderão muito de sua exuberância e produtividade.

OS DIVERSOS PADRÕES DA AGRICULTURA AMERICANA

Nos métodos agrícolas dos primeiros colonos chegados à Bacia Central estavam misturados padrões e tradições de diferentes países. Os suecos introduziram a cabana de madeira, a "log cabin", que se tornou a habitação típica do pioneiro onde quer que houvesse árvore. Os holandeses trouxeram a criação de gado de raça e a indústria de laticínios. Os escoceses e os irlandeses, o cultivo da batata. Os alemães criaram o que veio a tornar-se o estábulo norte-americano típico. É um processo de transplantação e assimilação que continua até hoje. Da Ásia, os Estados Unidos receberam a soja, de que são hoje os primeiros produtores mundiais, com larga margem sobre a própria Ásia — a China — segunda produtora mundial.

Os italianos e os japoneses exerceram influência na produção de frutas e legumes. Os escandinavos introduziram seus métodos de produção de laticínios da grande região leiteira do norte da Bacia Central.

Até grande parte do presente século, a maioria dos agricultores da Bacia Central praticavam o que os norte-americanos chamam de "agricultura geral". Isso significava que o homem do campo produzia sobretudo para atender a própria subsistência e aparelhamento, vendendo os excedentes para comprar aquilo que não podia plantar, criar ou fazer.

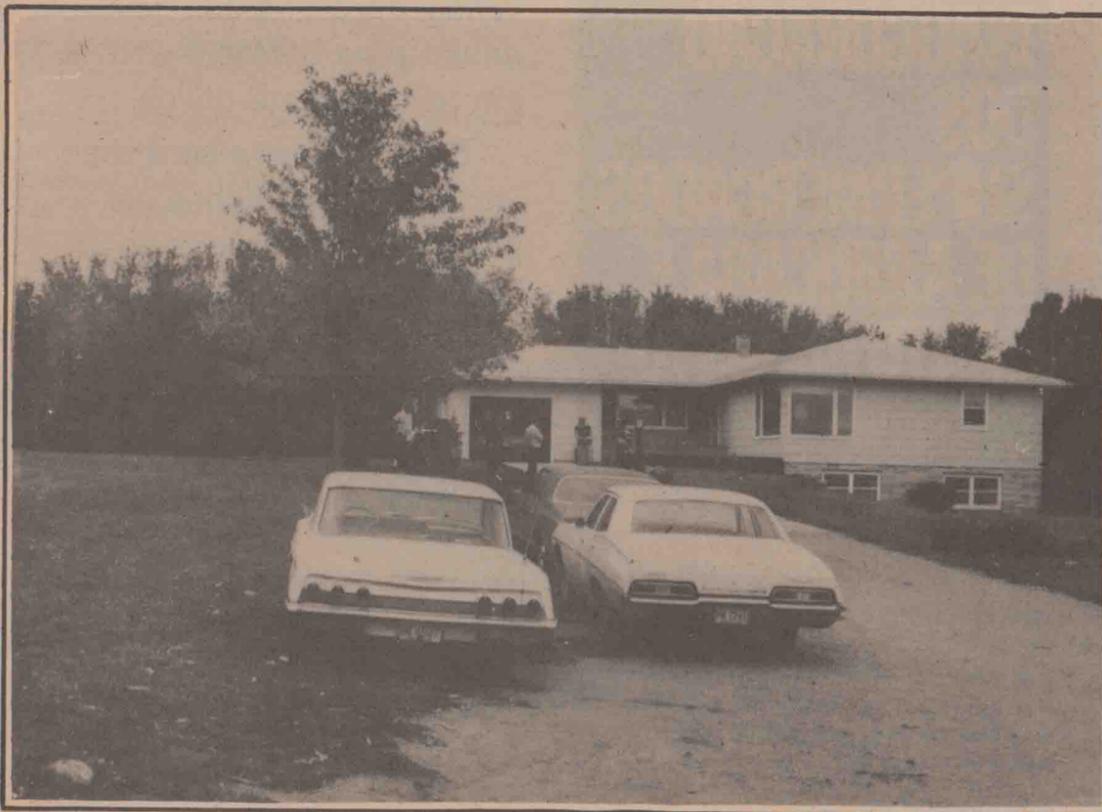
Hoje, a quase totalidade dos colonos da região praticam a chamada "agricultura comercial". Eles utili-

zam o máximo de suas energias, de suas terras e de seus petrechos mecânicos para produzir mercadorias com mercado certo. Quer dizer: trabalham para vender. Calculam cuidadosamente os custos da produção desde as sementes e os fertilizantes ao rendimento do solo e fazem o confronto com os preços que a safra alcançará no mercado. Não praticam, sequer, a lavoura para o consumo próprio, caso esta seja anti-econômica em seu conjunto.

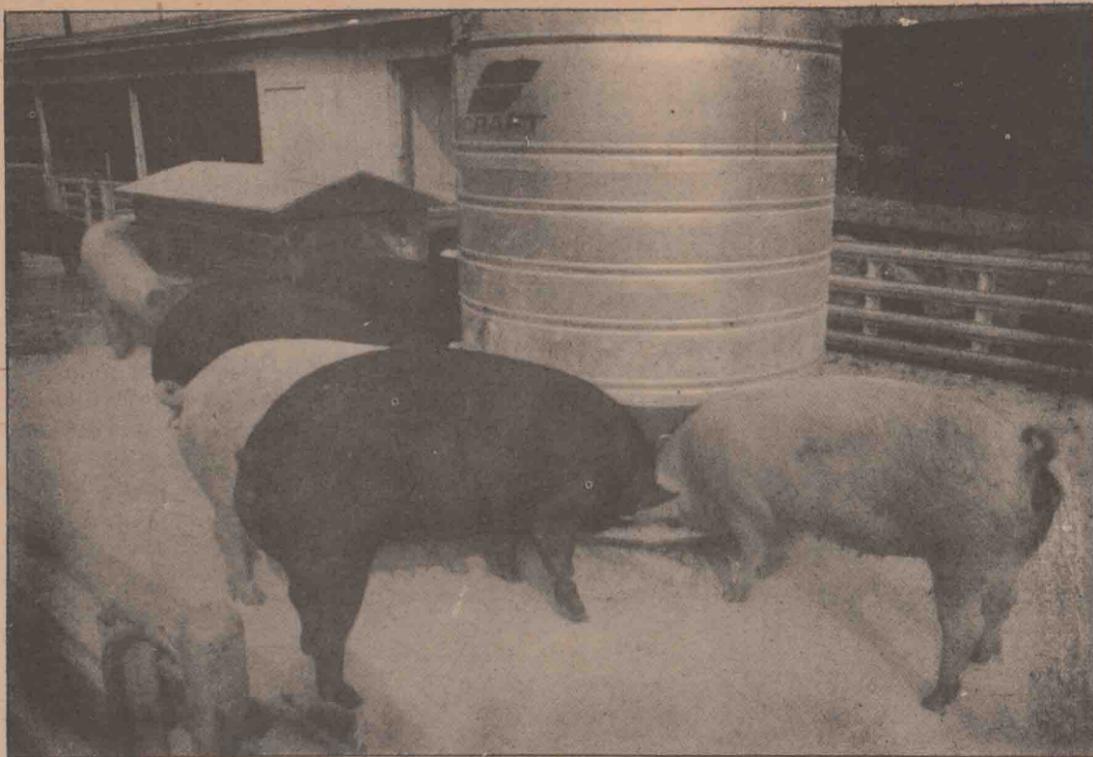
Durante cerca de 15 dias que a caravana da COTRIJUI percorreu a Bacia Central, não foi vista uma horta e nem mesmo a criação de pequenos animais domésticos, para consumo familiar. O fazendeiro norte-americano planta e cria a larga escala, para negócios, como também compra tudo o que necessita para o seu consumo.

O tamanho médio das propriedades agrícolas aumentou de cerca de 150 acres em 1920 para 240 acres na atualidade. Isso se deve a uma política acertada estabelecida pelo Governo, que sempre lutou contra os fracionamentos das propriedades, além das facilidades oferecidas em maquinaria apropriada e a redução do número de culturas.

Há um século, dois terços da população norte-americana viviam no campo. Hoje, o agricultor estadunidense médio produz para si e para mais 20 cidadãos, além das quantidades adicionais destinadas à exportação. Isso é o resultado da máquina e do planejamento.



O conforto da vida rural.



O porco come à vontade nos alimentadores automáticos.

A DIVERSIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO

Diversificar, foi a solução encontrada pelos colonos a partir do começo deste século.

Numa pequena cidade do interior do Alabama, há um monumento erigido em homenagem ao gorgulho do algodão. E não é pilhéria. Esse monumento foi construído em 1910, em sinal de agradecimento a essa praga, que destruindo totalmente as plantações de algodão na região, obrigou os agricultores a desistirem desse tipo de cultura. Passaram então a dedicar-se à criação de gado leiteiro e ao cultivo de amendoim e do melão.

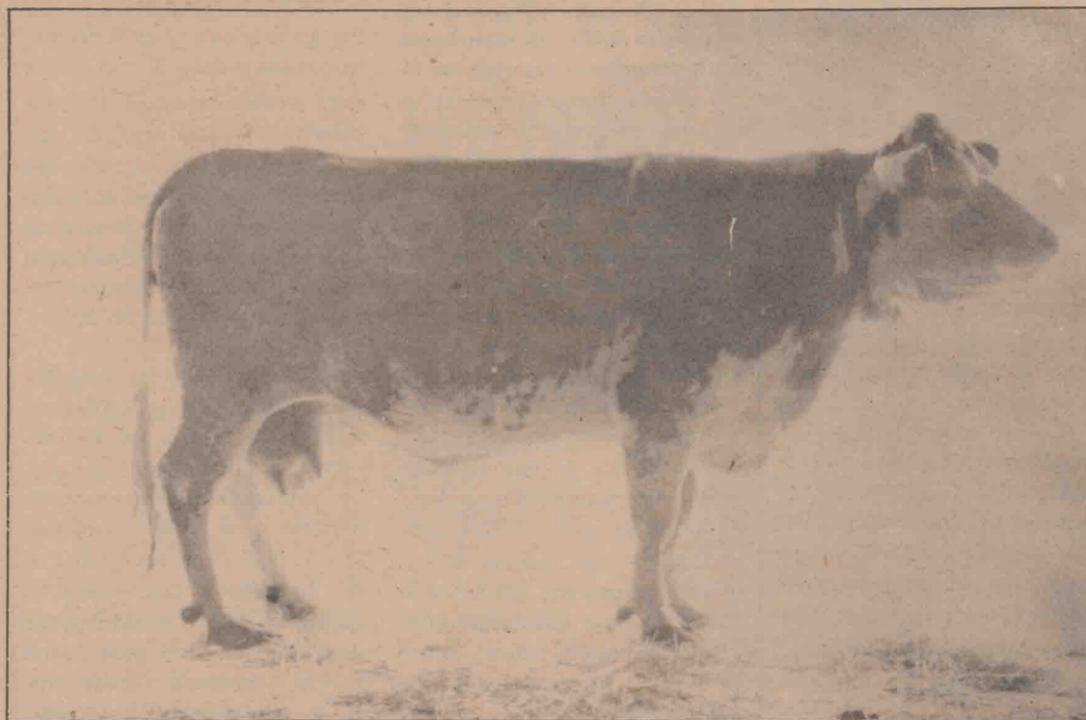
O que de início lhes pareceu ser uma irremediável tragédia, veio a converter-se num grande bem. As novas atividades agropastoris fo-

ram bem mais proveitosas e adequadas àquelas terras do que o plantio de algodão.

Em outra parte do Alabama, três irmãos adquiriram uma serraria em 1934, que já havia derrubado a maior parte das matas existentes ali. As árvores restantes — diziam — dariam apenas para mantê-la funcionando no máximo por mais cinco anos. Mas esses irmãos tinham idéias novas. Hoje, passados 40 anos, essa serraria continua funcionando. É que os três irmãos serralheiros plantavam mais árvores do que cortavam e ainda conseguiram fazer com que seus vizinhos também plantassem árvores, nas terras impróprias para o algodão.

Os norte-americanos são práticos em questões de

produção e dinheiro. Esses exemplos são uma prova. Uma propriedade americana está organizada de tal forma que tudo o que nela existe tem uma função prática. Exemplo de propriedade típica americana na região do cinturão de milho — Região Central — lavouras extensivas de milho e soja e pastagens para ensilagem. Na residência do colono, criações de gado e suínos em regime de confinamento. Um retrato dessas propriedades mostram grandes galpões para abrigar o gado nas épocas de neve, silos para armazenar as pastagens dos animais, geralmente com menor destaque e casa do colono e, sempre, sem nenhuma exceção, árvores e gramados onde ninguém pisa.



Vaca em teste de alimentação pela análise do rúmen.

TÉCNICOS

ALFAFA — A FORRAGEIRA NÚMERO UM

Eng^o Agr^o RENATO BORGES DE MEDEIROS

O cultivo da alfafa é uma alternativa comum a quase todos os fazendeiros norte-americanos. Atualmente eles a consideram como a mais importante cultura forrageira e apontam as razões: Além de ser nutritiva e palatável, ela apresenta um sistema radicular amplo e profundo que lhe proporciona grande resistência à seca. É uma cultura altamente flexível, podendo ser utilizada como feno, silagem ou pastejo direto. E ainda, por ser leguminosa, fixa nitrogênio em suas raízes que pode ser utilizado pela cultura seguinte. O valor forrageiro da alfafa tem sido caracterizado, pelos técnicos norte-americanos, como duas culturas dentro de uma — ela é comparável ao milho em energia (NDT) e à soja como fonte de proteína. Por apresentar esta excelente composição ela se constitui um bom alimento para quase todos os tipos de animais.

No percurso que realizamos ao longo do cinturão do milho (estados de Minnesota, Iowa e Illinois) constatamos que, realmente, os norte-americanos estão conscientes da importância da alfafa. Tanto a margem das rodovias como em todas as propriedades visitadas, observou-se expressivas áreas de alfafa. Alguns técnicos nos informaram que a utilização desta cultura tem aumentado de ano para ano. A principal razão deste fato tem sido a elevação do custo dos concentrados (tortas, farinhas, etc...) que, por isso, tornam o feno de alfafa um alimento mais importante na produção dos diversos tipos de carne. Em função disto alguns técnicos norte-americanos têm usado esta expressão: — "A alfafa passou de cultura de reserva para cultura de dinheiro". Como resposta à valorização da alfafa, os bons fazendeiros têm dispensado com toda ênfase os mesmos cuidados que usualmente dedicam às culturas do milho, da soja e do algodão.

Atualmente no Rio Grande do Sul a cultura da alfafa é pouco expressiva. Já em 1930 possuíamos aproximadamente 30.000 ha. Hoje, a sua área de cultivo não deve ultrapassar a 17.000 ha. Mesmo assim ainda somos conhecidos por tradicionais produtores de alfafa. Isto se deve as décadas

de 1940 e 1950, período em que fardos e fardos de feno de alfafa eram embarcados para todas as partes do país e até mesmo para o exterior. Entretanto, nos últimos anos, em certos períodos temos importado grandes quantidades de feno da Argentina. Assim como nos Estados Unidos, a alfafa também é muito cultivada na Europa, Nova Zelândia, Austrália e Argentina. A Nova Zelândia, por exemplo, nos últimos 10 anos aumentou em 6 vezes a sua área de cultivo. Ainda hoje, na zona mais quente, (na ilha do norte) o seu cultivo continua em franco aumento. Nas regiões neozelandesas de maior fertilidade natural os fazendeiros chegam a obter rendimentos de até 13.000 Kg de matéria seca/ha/ano.

Se nos preocupamos em fazer estes comentários sobre a cultura da alfafa é porque, realmente, constatamos que ela deve estar presente em qualquer modelo de exploração que inclua a produção animal. A pesquisa realizada em nosso estado já possui dados que possibilitam estabelecer bons alfafais. O nosso fator limitante tem sido a falta de boas sementes da nossa alfafa crioula. E aqui vai dois lembretes: — A nossa pesquisa tem demonstrado que a alfafa crioula é superior aos demais cultivares estrangeiros comercializados no estado; é comum em nossas sementes de alfafa crioula, a presença de sementes de cuscuta que na maioria das vezes pode destruir a alfafa já no início do estabelecimento. Para que nossos associados possam dispor de sementes com boas características, nós incluímos no nosso programa de produção de sementes forrageiras, também a produção de sementes de alfafa crioula.

Em decorrência do que aqui discutimos e considerando o nosso sistema de exploração, parece indispensável a participação da alfafa no esquema de produção de nossas propriedades. Se ponderarmos também, que em nossa região muitos produtores possuem bovinos e suínos, então o cultivo da alfafa adquire ainda, maior importância. Face a isto, parece lógico esperar que a alfafa venha a ser um forte elo na integração de nossa agricultura com a pecuária.

TÉCNICOS

EXTENSÃO RURAL



Eng^o. Agr^o.
Nedy
Rodrigues
Borges

A Universidade nos Estados Unidos é a organização mais importante para o setor agrícola e pecuário. Ela tem a seu cargo os trabalhos de pesquisa, ensino e extensão. Dessa maneira, a Universidade americana possibilita uma perfeita integração de trabalhos nesses campos de atividades. A racionalização no aproveitamento dos recursos humanos e financeiros também é uma decorrência da própria estrutura da Universidade.

A pesquisa em seu campo de atividades gera novos conhecimentos que o ensino dinâmico de hoje após análise, discussão e enquadramento num complexo racional maior, procura transmitir aos alunos.

O ensino, por sua vez, é objetivo, prático e calcado nos trabalhos de pesquisa.

O trabalho de extensão rural promove a implantação de novas técnicas de produção agropecuária a partir dos resultados de pesquisa e com a colaboração efetiva do ensino na sua difusão.

A racionalização e integração de esforços no campo da pesquisa-ensino-extensão, dentro de uma única entidade possibilita a rápida transmissão dos resultados obtidos diretamente ao produtor. Da mesma maneira, os problemas do produtor chegam sem demora, ao ensino e à pesquisa.

O trabalho de extensão rural está a cargo das universidades, entretanto colaboram com esse trabalho diversas firmas particulares nos ramos de suas atividades.

É comum o trabalho de colaboração das firmas especializadas em rações balanceadas.

É oportuno citar que existe um planejamento racional, estadual e regional com vistas a produção agrícola e pecuária.

Fatores fundamentais considerados para este planejamento são as condições climáticas e a capacidade de uso dos solos.

As atividades principais do estado de Iowa de acordo, com esse planejamento, estão assim

distribuídas:

PARTE SUL — Região mais acidentada — destinada à pastagens e criação de bovinos;

PARTE NORTE E CENTRAL — Região mais plana — destinada à produção de milho e soja, com engorde de suínos e bovinos em sistema intensivo;

PARTE NORDESTE — Região mais baixa e úmida destinada à produção de milho e soja, principalmente; o fator comum observado em todas as propriedades é a presença do animal.

O estado de Iowa com uma área de aproximadamente 1/3 do Rio Grande do Sul, desfruta do privilégio de ter um dos solos mais férteis do mundo distribuído em propriedades de 60 a 200 ha. em sua maioria. O estado está dividido segundo o critério de polos econômicos em 12 áreas para o trabalho de extensão rural. Cada área com um escritório regional no qual prestam serviços uma equipe de especialistas nos diversos programas em execução. Anualmente, essa equipe freqüenta cursos promovidos pelas Universidades a fim de atualizarem seus conhecimentos e ao mesmo tempo participa de cursos para transmissão desses conhecimentos. Esses cursos se destinam a técnicos e a agricultores e criadores.

A Universidade promove periodicamente cursos dos mais variados níveis e destinados a técnicos, agricultores, vendedores, etc.

A área de Waterloo, que tivemos oportunidade de visitar, possui um escritório com uma equipe de especialistas e está sub-dividida em sete pequenas áreas, quase sempre constituída pelos municípios, para facilitar o trabalho.

Cada área possui estação de televisão e jornais que são usados para atingir aos agricultores e criadores.

As informações sobre mercado de produtos e previsões de tempo são obtidos pelo agricultor a qualquer hora do dia ou da noite, ditando um número código. Esse número está conectado com uma fita onde estão gravadas e serão transmitidas essas informações aos produtores de toda a área de influência da universidade.

Como já dissemos, para determinadas regiões são previstas certas explorações, pois assim elas produziram o máximo rendimento com o menor custo.

Culturas não indicadas para uma região produziram rendimento inferior, maior custo ou outras conseqüências negativas consideradas para sua contra indicação. Dessa maneira o agricultor que não segue o planejamento indicado será eliminado pela competição.

Um fato marcante é que o agricultor americano segue religiosamente o planejamento proposto pelo serviço de extensão.

Por ocasião de uma visita a área de Waterloo, fomos apresentados a três agricultores que estavam conhecendo o planejamento previsto para determinada região na qual estavam interessados na aquisição de uma propriedade.

Antes mesmo da sua aquisição já estavam conhecendo o planejamento que deveria ser executado.

Muitos agricultores possuem curso superior, que facilita em parte o seu trabalho. Por outro lado o agricultor reside na propriedade onde possui os mesmos confortos da cidade.

O correio, o telefone e as rodovias asfaltadas facilitam a comunicação. A maioria dos agricultores trabalham com a esposa e filhos da manhã à noite. Alguns contratam empregados em determinadas épocas se possível (de plantio e colheita), a fim de economizar o salário que é relativamente alto.

LAVOURA E ENGORDE: UM SISTEMA RACIONAL

Eng^o. Agr^o.
Renato
Borges de
Medeiros

Tanto na cidade como no campo o progresso norte-americano nos impressionou. A tecnologia atingiu todos os setores, mas é justamente no campo que o planejamento mostra os seus maiores resultados. Para cada situação há uma alternativa ideal de produção. Mesmo dentro de cada estado existem áreas prioritárias para certas culturas e determinados tipos de exploração animal.

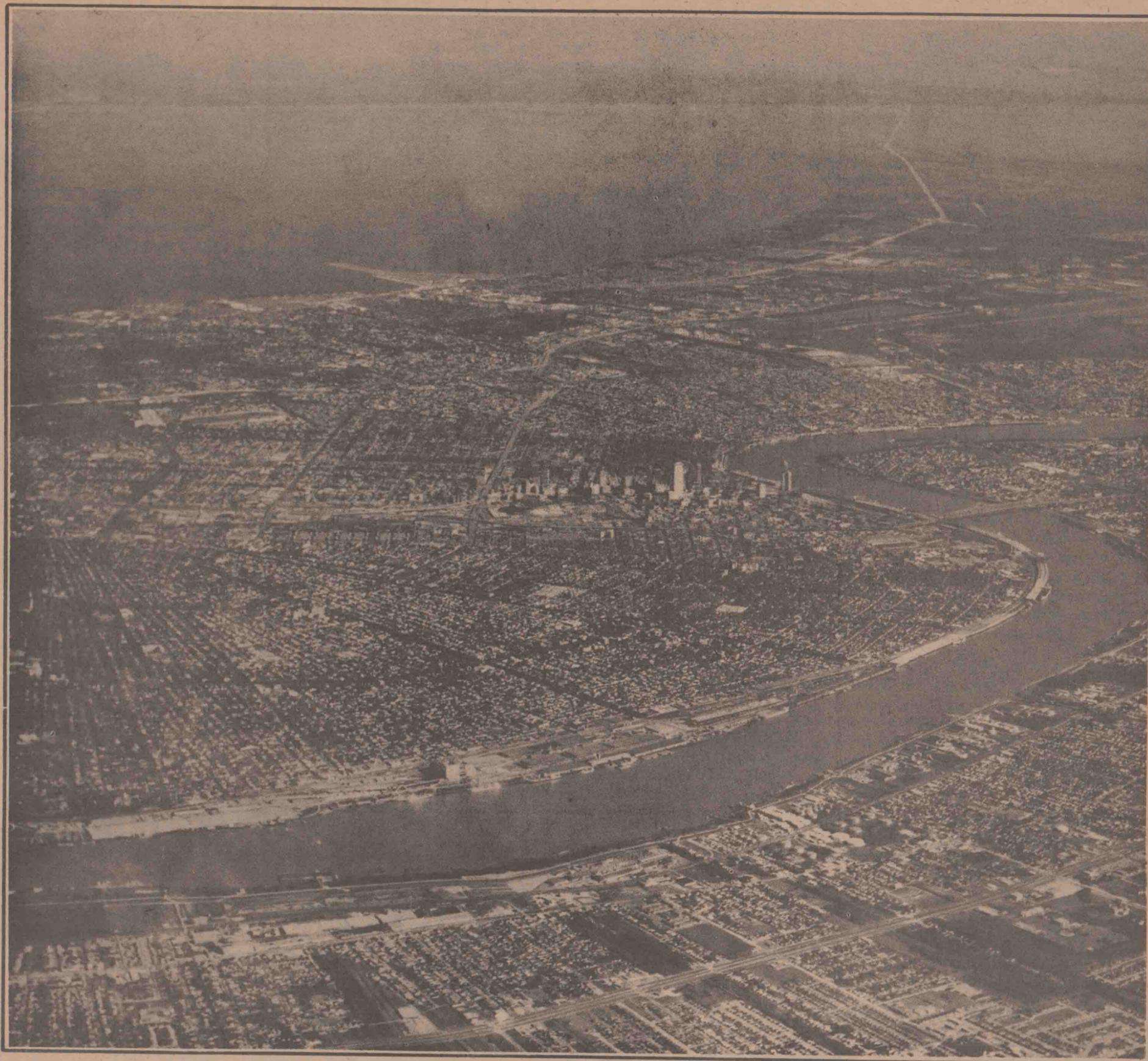
Na região que permanecemos mais tempo — Iowa, Minnesota e Illinois, encontramos uma agricultura sólida e estável. De um modo geral a pecuária coexiste com a agricultura. No entanto esta coexistência assume diferentes modelos em função da região que se considere. Constantemente as universidades, através de suas equipes de pesquisadores, procuram testar novas combinações de fatores com a finalidade de selecionar as alternativas mais eficientes para cada região. Estes estudos têm mantido a propriedade agrícola em franco progresso. E esta situação evidencia que a agricultura deste país é altamente organizada. O solo é utilizado de acordo com os estudos de capacidade de uso. Aliado a isto, o clima determina para cada região a cultura mais indicada. Disto resulta que eles possuem áreas altamente especializadas em determinadas culturas e determinados tipos de criação animal.

Com um sistema de exploração fechado, funcionando num verdadeiro ciclo, os fazendeiros norte-americanos conseguem uma perfeita integração entre as culturas de arado e produção animal. Jean Duthil, um estudioso francês, ao emitir a sua opinião nos diz que os sistemas de exploração que ainda se fundamentam no arado deverão ser substituídos por um sistema de exploração misto, em que a terra passe por uma fase de pastagem que servirá para alimentar o gado existente na propriedade. A semelhança do que constatamos nos Estados Unidos também os europeus, desde 1.940, vêm conduzindo um modelo de exploração misto em que os cultivos aráveis e o gado estão integrados num único sistema. A isto os técnicos chamam de sistema de duas fases, pois as culturas

de arado estão continuamente rotacionando com as pastagens. Ao falar na integração da lavoura com a pecuária o mesmo estudioso ainda acrescenta: Qualquer que seja a evolução futura, temos que admitir que, devido ao seu interesse econômico e ao seu efeito melhorador dos solos, a pastagem convertida em cultivo deve ser o pivô sobre o qual gire toda e qualquer alternativa racional de exploração.

Mas prosseguindo no que nos propomos discutir, vamos ver como funciona uma propriedade norte-americana no cinturão do milho — estados de Iowa, Minnesota e Illinois. Basicamente a propriedade explora as culturas de milho e soja. Em menor escala ocorrem áreas de alfafa e outras forrageiras. Estas culturas anualmente são rotacionadas, ou seja, nas áreas de soja e alfafa entra a cultura do milho e vice-versa. Paralelamente a estas lavouras, os fazendeiros mantêm constantemente um grupo de animais em engorde na propriedade. O número de animais oscila de 300 a 600 o que é muito expressivo, se considerarmos que nesta região o tamanho das propriedades variam de 60 a 200 ha. Estes rebanhos são mantidos em confinamento e em pequenas áreas de pastagem, sendo que a alfafa é a forrageira mais utilizada. Em alguns casos eles são confinados somente no período de neve que normalmente vai de dezembro a abril. A ração fornecida a estes animais é formada de milho, silagem e feno. Segundo informação pessoal de extensionistas da Universidade de Ames, a silagem e o feno de alfafa vêm ganhando maior importância. Isto decorre por um lado da elevação do preço do milho, e por outro lado do congelamento do preço da carne. A única saída para continuar obtendo lucros é substituir parte do milho em grão por silagem do próprio milho e feno. E esta parece uma tendência natural de todos os fazendeiros desta área. Os resíduos obtidos nos currais são integralmente incorporados nas lavouras. É tão importante e tão intensa a utilização da adubação orgânica que alguns produtores, em certos anos, não utilizam adubos químicos.

Vendo como os fazendeiros norte-americanos utilizam o solo, parece óbvio que nós devemos melhorar os nossos processos produtivos, procurando determinar uma melhor combinação dos fatores de produção. Para isto é necessário que tenhamos a convicção de que os cultivos aráveis, os pastos e o gado devem formar o mesmo e o único sistema de exploração racional do solo.



UM RIO DOMADO PARA BENEFICIO DO HOMEM

Os Estados Unidos enfrentavam graves problemas com um rio e seu vale. O rio era o Tennessee, da grande bacia do Mississipi. No ano de 1933, foi iniciada uma experiência para resolver os problemas causados pelas águas, na região. Durante muitos anos, o Tennessee, enfurecido a cada ano, transbordava de seu leito e levava de roldão tudo o que encontrava pela frente. Devastava o solo, arrastava casas, destruía vidas e plantações. Em muitos trechos era demasiado raso para permitir a navegação, de sorte que pouco tinha a proporcionar de útil nos meses quentes e

muito mal proporcionava nas épocas de cheia.

Mas os Estados Unidos, recém saídos da depressão de 1929, sabiam que precisavam "domar" o Tennessee. No espírito de New Deal de Roosevelt, constava a recuperação do vale. Foi criada a Lei do Vale do Tennessee (TVA — Tennessee Valley Act). Hoje, o rio Tennessee e seus tributários banham uma enorme área do sul dos EUA, compreendendo partes de sete estados, onde se pratica uma agricultura altamente rentável; se cria e engorda milhões de cabeças de gado e se

mantém uma indústria de alta produção.

O Tennessee foi retificado e em seu curso foram construídas mais de 10 barragens que produzem, em 1959, 60 bilhões de quilovats hora de eletricidade a cada ano. Graças a um gigantesco trabalho de engenharia e a um volumoso investimento financeiro, o violento rio foi domado e colocado à disposição para produzir riquezas e conforto para grande parte do sul do país.

Na foto o sinuoso Mississipi, numa vista ao cortar um bairro de Nova Orleans, devidamente retificado.

DR. BORLAUG, UM HOMEM PREOCUPADO

Apóstolo do trigo, cientista da produção, inimigo número um da fome, são expressões que vêm se confundindo nos últimos anos com o nome de Norman Borlaug, um técnico que vem procurando tirar da terra o máximo de proveito e rentabilidade em benefício de uma humanidade cada vez mais faminta. Mas o esforço do técnico que lhe valeu o Prêmio Nobel da Paz em 1970, transforma-o também num homem extremamente preocupado e por vezes irascível.

Como diretor do projeto de pesquisa de produção do trigo do Centro Internacional de Melhoria do Milho e Trigo, organismo da Fundação Rockefeller, sediado no México, o dr. Borlaug tem viajado pelo mundo inteiro. E nessas viagens pelas diferentes partes do mundo tem visto milhões de hectares de terra morta, crestada pelas secas, regiões agrestes impróprias para cultivo de qualquer espécie, além de milhões de outros hectares produzindo mal e outros ainda que nada produzem porque pertencem às chamadas castas sociais superiores, que as mantém na condição de latifúndios, em completa improdutividade.

Os cientistas e os técnicos da agricultura lutam para tirar da terra o melhor que ela pode dar ao homem em alimentação, diz Borlaug, mas não têm possibilidade de vitória quando enfrentam dogmas tradicionais ou a indiferença de governos que não fazem o que poderiam fazer, pelo aproveitamento racional de suas

próprias terras aptas para produzir.

O cientista lembra que a maior parte do nosso planeta é constituída de água, na proporção de 71 por cento, e que só os 29 por cento restantes se constituem de terra. Mas a parte considerada terra, não é totalmente aproveitável. As cadeias de montanhas, os vales extremamente profundos e os desertos tomam grande parte da terra propriamente dita, de sorte que de solo aproveitável para a agricultura, restam tão somente 11 por cento.

O dr. Borlaug, ressalta que se considerarmos ainda que essa pequena porção agricultável vem sendo cultivada há séculos, ela já perdeu os elementos nutritivos exigidos para um bom rendimento. Seus elementos essenciais — nitrogênio e fósforo — carentes, precisam ser repostos, para que a terra venha a produzir bem. Surge a necessidade de aplicação de fertilizantes, como elementos essenciais ao melhoramento da produtividade.

O cientista enfatiza que não gosta de política e também não faz questão de se preocupar com ideologias. Os problemas originados pela escassez de alimentos são universais e afetam os povos de todos os quadrantes da Terra. Há pouco esteve na China Popular e acha que os chineses estão solucionando alguns problemas com êxito, como por exemplo, o que se relaciona com o controle demográfico.

A fundamentação de seu raciocínio está na fertilização

do solo através da boa aplicação dos elementos nutrientes: "a terra que existe na maior parte do mundo e que vem sendo cultivada há séculos, não dispõe de elementos nutritivos em quantidades suficientes para render na proporção do que necessitamos", adverte o dr. Norman Borlaug.

Sobre o capítulo "distri-

buição dos bens produzidos", o dr. Borlaug considera que existem falhas e estas devem ser eliminadas. O aumento da produtividade de alimentos é apenas uma parcela da solução que envolve a fome no mundo. Segundo a FAO, que durante a próxima reunião de Roma vai propor a formação de um Fundo de Alimentos para

conter os preços que normalmente são "manejados" pelas corporações multinacionais, há necessidade premente de revirmos a estrutura de comercialização. Pois na luta pela conquista de alimentos as nações ricas fazem o "jogo dos estoques, manipulando-os em regime de alta e de baixa, conforme suas próprias conveniências e apetites de lucros".



Dr. Borlaug, quando entrevistado pela imprensa de Ijuí

VISITA: PRESIDENTE DO BNCC

Esteve em visita às instalações da COTRIJUI, durante sua vinda a Ijuí, o presidente do Banco Nacional de Crédito Cooperativo, sr. Marcos Raimundo Pessoa Duarte. O presidente do BNCC, que fez parte da comitiva do presidente Ernesto Geisel à Carazinho, no último dia 28, aproveitou sua estada na

região para visitar cooperativas com as quais o banco mantém contratos de financiamento.

Durante sua visita a COTRIJUI o sr. Pessoa Duarte esteve acompanhado pelo sr. Aramis U. J. Batista, gerente da agência do BNCC em Ijuí. Na foto os visitantes recepcionados por diretores da COTRIJUI.



a melhor receita para multiplicar a produtividade da sua lavoura.



adubos pampa sa

O VERDE DA TERRA

Rua Gravataí, 145 - Caixa Postal, 142 End. Telegráfico "ADUSPAMPA"
Fones: 72-1067 - 72-1383 - 72-1571 - Canoas - RS.

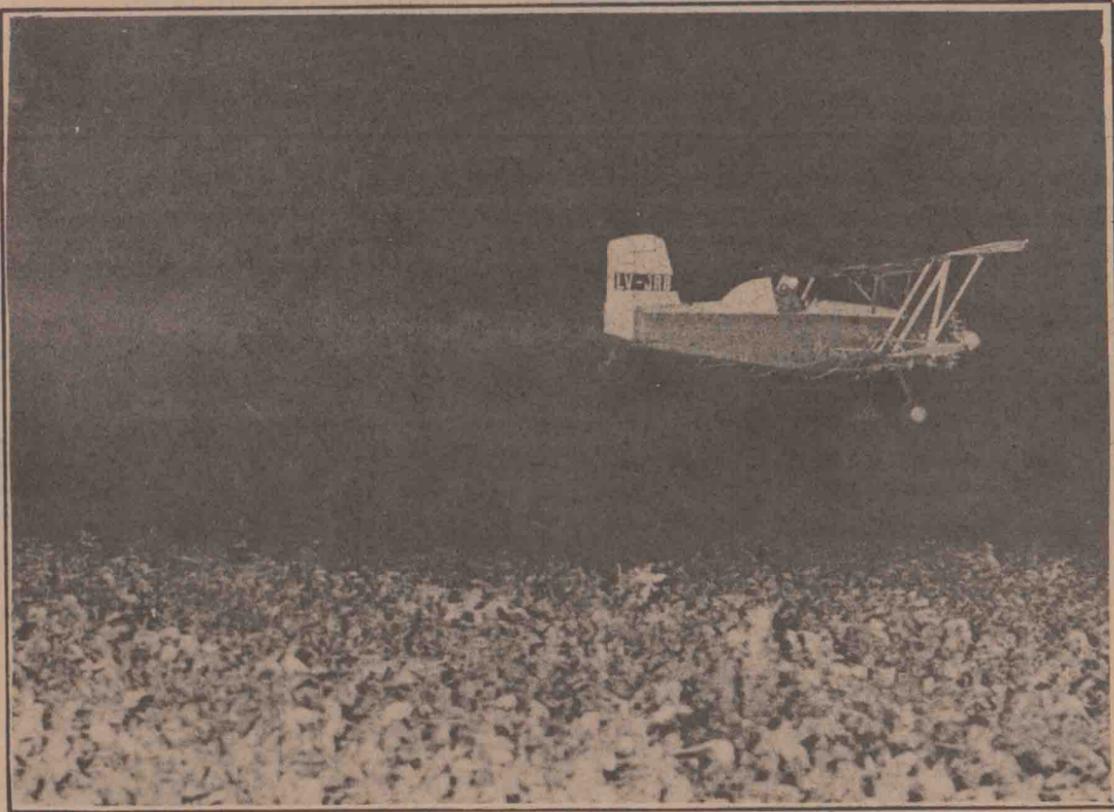
ADUBOS - INSETICIDA - CALCÁRIO

REPRESENTANTES: Comércio e Representações Agrícolas
Caçula Ltda. — R. 15 de Novembro, 448
IJUI — R. GRANDE DO SUL



CADERNO DE AVISOS - Novembro de 1974

PISTAS DE POUSO PARA AVIÕES AGRÍCOLAS



A COTRIJUI comunica ao quadro social que seu Departamento Técnico está estudando os casos de pedido para construção de pistas de pouso para aviões agrícolas, nas propriedades.

Nos trabalhos de pulveri-

zação aérea, um dos fatores para o melhor desempenho do serviço é a existência de pistas de pouso com instalações para o suprimento dos aviões em operação. Quanto maior o número desses campos de pouso, melhor o desempenho operacional não só da

Aéreo Agrícola Cotrijui Ltda, já em operação na nossa área, como também para outras empresas que por ventura venham a operar na região.

Maiores informações a respeito, em nosso Departamento Técnico.

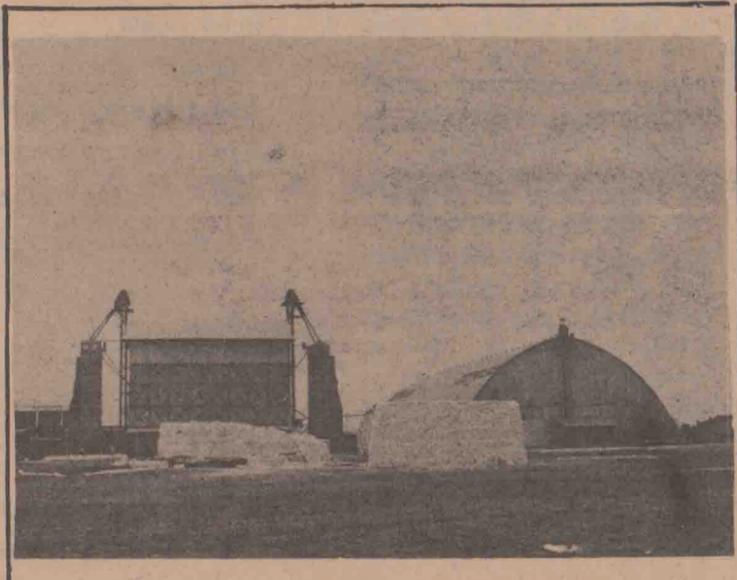
CALCÁRIO, NECESSIDADE MAIS DO QUE PROVADA

A necessidade de correção do solo é hoje assunto que ninguém discute. O que se questiona é preço e condições de atendimento, as ve-

zes difícil em virtude da precariedade do transporte para o interior de muitos municípios, como por exemplo, os que se locali-

zam na área da COTRIJUI.

Para evitar esse problema, a cooperativa, através de seu Departamento Comercial, vem providenciando estoques de calcário em suas unidades de armazéns. O calcário nas regiões de consumo, proporciona aos associados da COTRIJUI, a possibilidade de adquirir o produto na melhor época. Na foto, quantidade de calcário junto dos armazéns da cooperativa em Ijuí.



ESPAÇAMENTO NO PLANTIO DA SOJA

A densidade de plantio é um dos fatores mais simples, porém importantes, no rendimento de uma lavoura.

O rendimento é a resposta final de uma cultura que sofreu a influência de diversos fatores durante o seu ciclo. Alguns fatores já são controlados pelo agricultor, outros ainda não.

Os derivados das condições climáticas, ainda estão fora do domínio do homem.

Entretanto, os outros que são os mais importantes já estão sob seu controle: preparo do solo, melhoramento da fertilidade, conservação, adubação, densidade de plantio, controle das pragas, inços, e colheita, além de outros. Desses fatores, pela oportunidade, queremos trazer algumas informações sobre a densidade na cultura da soja.

Lembramos que há alguns anos, o agricultor semeava a soja a lanço, na resteva do trigo e posteriormente gradeava.

Alguns anos mais tarde a resteva do trigo ou a lavoura cultivada no ano anterior era lavrada, gradeada e posteriormente semeada. Para isso era usada a semeadeira de trigo e plantada a lanço ou utilizando todas as linhas.

Mais recentemente, verificou-se a necessidade de aplicação de calcário, adubo corretivo e plantio em linhas com espaçamento que permitia a passagem do trator com equipamentos agrícolas.

Hoje, devido a importância da soja, já estão sendo fabricados semeadeiras com espaçamento de 55 a 75 cm. entre linhas e separação do adubo e semente. Enfim, é necessário uma máquina de plantar soja que sirva também para o trigo e não o inverso, como tem ocorrido.

Em resumo, podemos dizer que o espaçamento mais conveniente para a soja é o seguinte:

ESPAÇAMENTO EM CM. ENTRE LINHAS

Precoces	55	26/10 a 20/11
Médias	65	26/10 a 5/12
Tardias	75	1º/10 a 31/12

O número de semente depende do poder germinativo, pureza da semente, época de plantio, variedades e espaçamento entre linhas.

Em média pode-se dizer que o número de semente por metro linear varia de 25 a 30 sementes. Consulte o Departamento Técnico para uma informação mais detalhada.

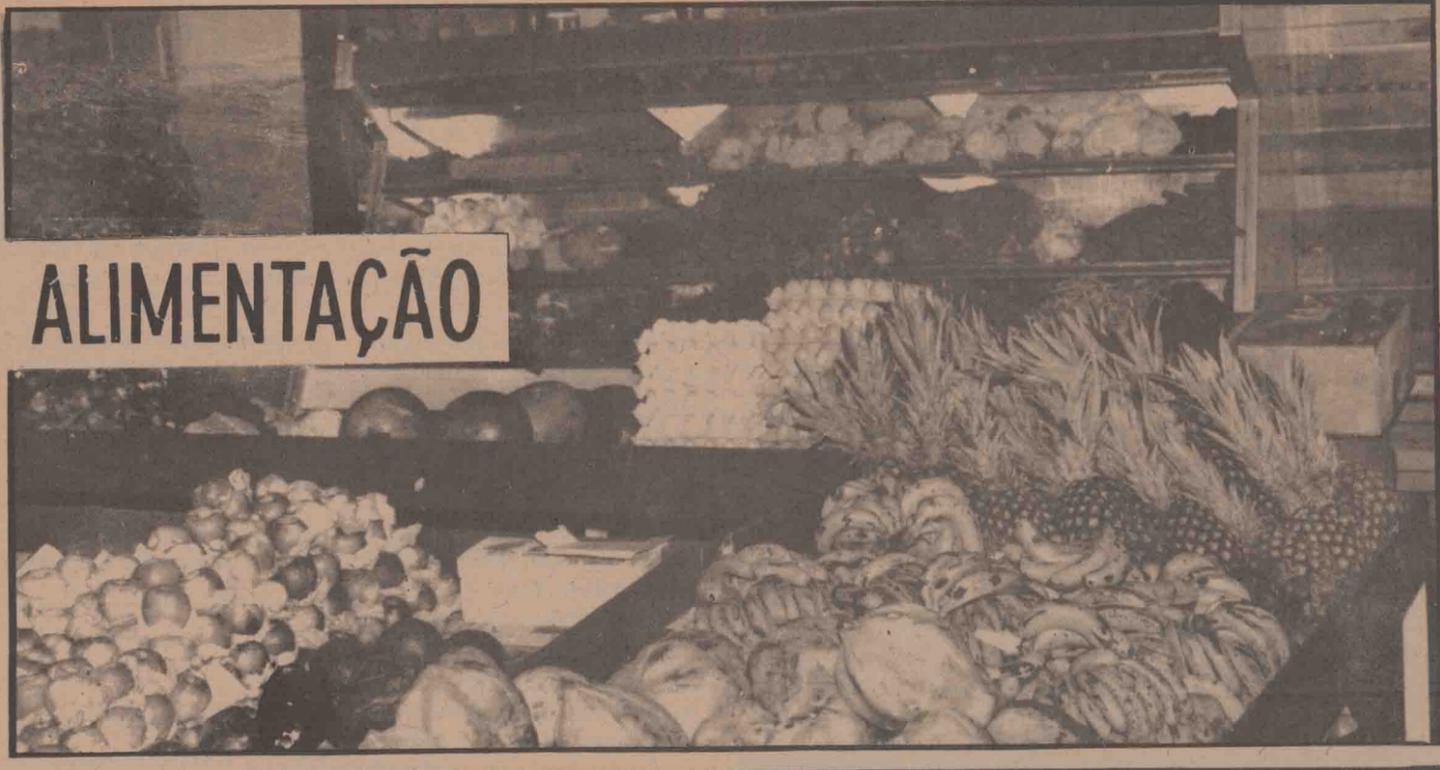
ESTUDANTES DE AGRONOMIA

Um grupo de 45 estudantes de agronomia da Faculdade de Agronomia da Universidade de Santa Maria, esteve em visita a Ijuí, no último dia 28, tendo observado as instalações de armazéns e a fábrica da COTRIJUI no bairro industrial.

Os estudantes, que vie-

ram sob a orientação do engº agrº Renato Barbosa Lampert, presidente da Associação de Formandos de Engenharia Agrônoma-77, da mesma universidade, foram recepcionados por agrônomos do Departamento Técnico da COTRIJUI. Na foto, um flagrante da visita nos armazéns.





ALIMENTAÇÃO

O VIÇO DE UMA MANDIOCA



O velho adágio que diz que "plantando dá", confirmou-se mais uma vez. Foi na granja do sr. Iseu Antônio Furlan, localizada em São Pedro do Pontão, município de Tupanciretã.

O sr. Iseu colheu em sua plantação de lavoura de três anos, a raiz que aparece segurando. Pesou nove qui-

los e mediu 1,15 metro de comprimento. A mandioca, não deve se confundir com o aipim, que é saudável para a alimentação humana e animal. A mandioca, dita mandioca brava, contém ácido cianídrico, altamente intoxicante. Mas tratada industrialmente, principalmente na condição de amidos, é um bom alimento.

O QUE SÃO AS VITAMINAS?

A alimentação do homem deve conter além dos carboidratos, gorduras, proteínas, sais minerais e água, pequenas quantidades de vitaminas. Estas são substâncias químicas que devem estar presentes nos organismos animal e humano em minúsculas quantidades, para que haja o desenvolvimento adequado, e na vida adulta para que o organismo se conserve funcionando normalmente.

O reino vegetal é a principal fonte de vitaminas para os animais e o homem. As vitaminas exercem dois papéis principais: o primeiro é de manter, através de pequenas doses, a normalidade do metabolismo e das funções orgânicas — é a ação fisiológica. O segundo é de prevenir, através de doses maiores, certos estados causados por carências vitamínicas — é a ação terapêutica. Pessoas que sofrem de anemia primária, ou perniciososa, mal que ainda há poucos anos matava rapidamente, podem ser salvas e permanecerem sadias com uma pequena dose de vitamina B-12, uma vez por mês. Isso dá uma idéia do poder dessa substância química.

A ação fisiológica é realizada pela associação de várias vitaminas contidas na

alimentação adequada, rica em vegetais e carnes, ou absorvidas através de medicamentos.

A ação terapêutica é doses maiores de uma só obtida ao contrário, por vitamina, que exerce efeito preventivo ou curativo em determinadas doenças que respondem especificamente ao tratamento com aquela vitamina.

As vezes, usam-se também combinações de várias delas, como por exemplo B, ou a associação das vitaminas A e D para prevenir o raquitismo, ou das vitaminas A e E para as pessoas idosas.

O emprego de uma ou de associações de vitaminas em doses elevadas, se faz quando existe o perigo de se instalarem determinadas doenças. Por outro lado, as pequenas doses têm efeito supletivo, não pretendem curar, mas manter normais as funções fisiológicas do organismo.

No caso de organismos enfraquecidos por excessos de esportes, trabalho físico ou mental, ou ameaçado por micróbios, bactérias ou vírus, deve-se consumir quantidades maiores de vitaminas, o que torna necessária a complementação da alimentação normal variada.

RELAÇÃO

NOME

Adão Ceolin
 Alcides Ferreira Mendes
 Alcides Inácio Prestes
 Aldorino Rosaterra
 Alfredo Domingos da Rosa
 Amadeu Joaquim Machado
 Amir Pascoal Sangali
 Antonio Callai 02/09/11
 Antonio Carlos de Oliveira
 Antonio Della Flora
 Argemiro Fagundes Aguiar
 Arthur Rodrigues Padilha
 Balbino Almeida dos Santos
 Boaventura Mendes
 Brasil Carneiro da Rosa
 Claudino Nuner
 Cledi Pascoal Callai
 Cyro Kroth
 Domingos Santos Menegozzi
 Dorico João Menegozzi
 Edmar Ávila Brites
 Elio Celeste Andreatto
 Emanuel Krüger
 Eratides Ferreira de Oliveira
 Ernesto Augusto Pereira
 Ernesto Possobom
 Evaldo Kruehl
 Francisco Maria F. da Silva
 Francisco Viana da Siqueira
 Getúlio Soares Padilha
 Hermes Luiz Ceolim
 Horácio Pereira da Silva
 Isidro Pires de Freitas Netto
 Ivo Mensh
 Jacob Vione
 João Adão dos Reis
 João Augusto A. de Moura
 João Bicudo do Amarante
 João Carlos Machado de Lira
 João Juraci da Luz Pedrosa

DOS ASSOCIADOS QUE NÃO ASSINARAM O LIVRO DE MATRÍCULA

ENDEREÇO	FOLHA	LIVRO	MATRÍCULA	NOME	ENDEREÇO	FOLHA	LIVRO	MATRÍCULA
	121	41	9480/404	João Maier Pires		122	41	9481/451
Vila Jóia	108	45	10270/477	Joaquim Pereira da Silva	Tupanciretã	109	45	10271/406
Sto. Ângelo	155	41	9514/406	José Evangelista Porto	Santo Ângelo	149	41	9508/406
	124	41	9483/403	José Francisco Cavalheiro Reis	Caraja Grande	110	41	9469/451
Tupanciretã	26	37	8585/407	José Gabriel Machado	Santo Ângelo	105	41	9464/409
Tupanciretã	136	41	9495/401	José Gentil dos Santos	Tupanciretã	22	37	8501/401
Tupanciretã	132	41	9491/406	José Ignácio da Silva	Santo Ângelo	140	41	9499/409
	116	41	9475/451	José Wenck da Conceição	Tupanciretã	162	41	9521/402
Tupanciretã	159	41	9518/401	Josino Santo Carneiro	Santo Augusto	107	41	9466/401
Tupanciretã	129	37	8688/451	Júlio Almeida dos Santos		129	41	9488/405
Tupanciretã	107	45	10269/401	Luiz Carlos da Silva	Tupanciretã	143	41	9502/408
	126	41	9485/406					
	123	41	8689/407	Manoal Afonso. M. dos Santos	Tupanciretã	130	41	9489/401
Tupanciretã	141	41	9500/405	Manoel Erculano Correa	Tupanciretã	112	41	9471/409
Tupanciretã	134	41	9493/409	Manoel Viana de Siqueira	Santo Ângelo	104	41	9463/402
	33	36	8392/404	Marcelino Francisco de Moura	Tupanciretã	121	37	8680/477
Tupanciretã	160	41	9519/408	Marcial Cavalheiro Reis	Tupanciretã	142	41	9501/401
Ijuí	137	41	9496/408	Nelson José Bolz	Santo Ângelo	23	37	8582/408
Tupanciretã	128	41	9487/409	Neusa Carvalho de Quadros		119	41	9478/477
Tupanciretã	114	41	9473/408	Octavio de Lima	Tupanciretã	109	41	9468/404
Tupanciretã	152	41	9511/407	Odilon Burtet		113	41	9472/401
Tupanciretã	42	29	6956/408	Odorico Cereser	Tupanciretã	103	41	9462/406
Santo Ângelo	161	41	9520/406	Onildo Furtado de Freitas	Santo Ângelo	150	41	9509/402
Tupanciretã	130	37	9482/407	Oscar Ruppentholt Pott	Tupanciretã	138	41	9497/404
	118	41	9477/403	Osório Burtet	Tupanciretã	135	41	9494/405
Tupanciretã	124	37	8683/409	Paulo Antonio Pallat	Tupanciretã	133	41	9492/402
Tupanciretã	113	33	7872/402	Pedro Martins dos Santos	Tupanciretã	146	41	9505/407
Santo Ângelo	158	41	9517/405	Pedro Prevedello		120	41	9479/406
Santo Ângelo	27	37	8586/403	Pedro Solano Moura	Tupanciretã	144	41	9503/404
Tupanciretã	106	45	10268/405	Protásio da Silva Escobar	Tupanciretã	125	37	8684/405
Tupanciretã	105	45	10267/409	Rodolfo Burgin		120	36	8479/402
Tupanciretã	30	37	8589/402	Silvanir dos Santos Padilha	Tupanciretã	127	41	9486/402
Tupanciretã	128	37	8687/404	Silvio Oliveira de Lima		125	41	9484/477
Tupanciretã	121	37	8681/406	Valdir Ronzani Sarturi		119	36	8478/406
Tupanciretã	24	37	8583/404	Vavilho Portolann	Tupanciretã	123	37	8682/402
Tupanciretã	147	41	9506/403	Vilson Walter Valentini	Tupanciretã	106	41	9465/405
Tupanciretã	157	41	9516/409	Vital Prestes	Tupanciretã	115	41	9474/404
Tupanciretã	111	41	9470/409	Waldemar Ângelo Valentini	Tupanciretã	21	37	8580/405
Tupanciretã	153	41	9512/403	Wilmar Aquino Hernandez	Tupanciretã	108	41	9467/408
Tupanciretã	156	41	9515/402	Wilson Peres de Quadros	Santo Ângelo	117	41	9476/407

LIQUIDAÇÃO DA SAFRA DE TRIGO

Desde o dia seis estamos procedendo a liquidação da atual safra de trigo para os associados que tenham entregue o total de sua produção. Como é do conhecimento dos associados, o serviço de escrituração das notas fiscais de suas entregas de trigo é feito através de computador eletrônico. A cooperativa envia diariamente essas notas de entrada ao Centro de processamento e no fim de cada semana recebe os relatórios

que são encaminhados ao Banco do Brasil para a comercialização do produto recebido. Nesses relatórios devem constar, nome de todos os associados que entregaram o trigo durante a semana, seu endereço, relação das notas fiscais, com peso físico, peso específico, grau de umidade do produto, valor bruto, deduções das quotas capital e impostos, e valor líquido, carga por carga. Somente após a entrega deste documento

ao banco é que a cooperativa pode iniciar o pagamento do produto. Portanto, os associados que concluírem suas entregas até o final de cada semana (6ª às doze horas), poderão comparecer à cooperativa para liquidarem suas safras, no início da semana seguinte. Para facilitar o atendimento, já que em todas as safras de trigo há a necessidade emanada do "CTRIN" do preenchimento de "Certificado de Estatística", so-

licitamos a todos que ao virem liquidar suas safras, já tragam consigo, anotado num papel:

A quantidade e variedades de trigo plantado na última safra e que originou a atual colheita; a área cultivada com cada variedade; o rendimento médio por variedade; a quantidade de adubo utilizado; a quantidade de produto retido para consumo, e, caso tenham pago "em produto" percentagens por arrendamentos, a-

luguel de automotriz, etc. Anotar o(s) nome(s) do(s) beneficiário(s) e a quantidade de produto pago.

Com esta mecânica de liquidação e considerando-se o acelerado andamento da colheita, acreditamos que até o final da 1ª quinzena de dezembro, antes, portanto, do fechamento para balanço da Carteira Agrícola do Banco do Brasil, a safra esteja totalmente liquidada.

PLANTIO DIRETO

O Departamento Técnico da Cotrijui recebeu da FNI - Fábrica Nacional de Implementos uma outra máquina para plantio direto. Diversas lavouras estão sendo feitas nesta região a fim de verificar o funcionamento desta nova técnica.

As condições de clima, solo, e o sistema de cultivo existente estão a exigir demais de nossos solos. Devemos encontrar um método adequado de exploração ou estaremos fadado a transformação paulatina e continuada de solos férteis em desertos.

O plantio do trigo e da soja em um mesmo ano agrícola, com o preparo tradicional, obriga a uma pulverização demasiada do solo, com a conseqüente redução da matéria orgânica e aumento progressivo da erosão. A eliminação da queima das restes do trigo e soja e o controle da erosão é um desafio que estamos enfrentando. É necessário que cada agricultor medite sobre esse assunto. O emprego de uma máquina de plantio direto e a aplicação de herbicidas no controle de inços parece ser o caminho mais fácil para a solução desses problemas. Evidentemente, que esse novo sistema deve ser precedido do uso de calcário e adubo corretivo além de práticas de conservação do solo. Esse sistema já está sendo experimentado nesta região. Os dados da safra de soja passada estão registrados no Cotrijournal nº 11. Este ano novas lavouras estão sendo instaladas a fim de que se possa testar novamente essa técnica.

SEMENTES FORRAGEIRAS

Os associados interessados em cultivar forrageiras podem adquirir sementes das variedades abaixo, em quaisquer de nossas instalações.

FORRAGEIRAS PERENES DE VERÃO: Setária Kazungula - Gatton Panic - Rhodes Callid - Rhodes São Gabriel - Pensacola - Desmódio Intortum - Siratro;

ANUAIS DE VERÃO: Pasto Italiano - Sorgos e Feijão Míudo.

A DIFÍCIL SITUAÇÃO DOS FERTILIZANTES

A revista norte-americana "Farm Chemicals" publicou uma entrevista com o Dr. Raymond Ewell, professor de química e de engenharia química formado pela Universidade Estadual de Nova York. Elemento credenciado e conhecedor do assunto, o Dr. Ewell previa em 1.968 uma falta de fertilizantes no mundo inteiro, o que aconteceu realmente em 1.973. O entrevistado diz que a produção de fertilizantes não irá diminuir, ao contrário continuará a crescer. O que ocorrerá é que a demanda, a procura de fertilizantes irá aumentar rapidamente e em grandes proporções visto que a população mundial aumenta em 75 milhões de habitantes anualmente. E esta distância que se verifica entre a capacidade das fábricas produzirem adubos e o crescente aumento no uso de fertilizantes pelos produtores de alimentos necessários à manutenção da população no mundo, irá ser maior ainda, principalmente pela falta de investimentos.

Até 1.980 serão necessárias 120 fábricas novas. A falta de investimentos e, como não é rápida a construção de novas fábricas, o problema da falta crescente de adubos continuará nos próximos anos. Todo o país em desenvolvimento deveria planejar e necessita de uma fábrica de produtos NPK para cada 6 milhões de habitantes que aumentam anualmente. Isto quer dizer que os países que estão em pleno desenvolvimento e acusam

aumento na sua população na ordem de 66 milhões de habitantes por ano deveriam construir 11 grandes fábricas de adubos NPK para atender a este crescimento populacional e que se refletirá no futuro como uma demanda maior de fertilizantes. A Índia que acusa um aumento populacional de 15 milhões de habitantes por ano precisará de duas e meia fábricas por ano ou então 25 fábricas em 10 anos. E estas construções precisam ser rápidas.

Todas as nações em desenvolvimento estão gritando e querem comprar mais fertilizantes; e a maioria destes países não tem recursos para aplicar na construção destas fábricas.

Como todos os países querem comprar fertilizantes por qualquer preço, o mais acertado seria ter as fábricas dentro de suas próprias fronteiras bem como a matéria-prima necessária à produção dos fertilizantes compostos.

Mas surge outro problema de que nem todos os países teriam potássio, nem rochas fosfáticas. E os lugares mais baratos para se produzirem fertilizantes nitrogenados seriam aqueles países que possuem um suprimento muito grande de gás natural.

Os países que apresentam maiores excedentes de fertilizantes, compostos de nitrogênio, fósforo e potássio são hoje o Canadá, a Rússia, a Alemanha Ocidental, a Alemanha Oriental e o Japão.

Por outro lado os países em desenvolvimento que apresentaram um maior déficit em 1.971 - 72 foram a China, a Índia, a Turquia e o Brasil.

Diz ainda o Dr. Ewell que desses países com maior déficit, é provável que o Brasil, o México e Índia possam se tornar auto-suficientes em fertilizantes nos próximos 10 anos, porque possuem recursos financeiros e materiais para tornarem-se grandes produtores e atenderem a demanda de fertilizantes.

Já com a China, Índia, Turquia e outros países isto nunca será alcançado devido a insuficiência de recursos financeiros e materiais e ao grande aumento na população que se verifica anualmente.

Mas, mesmo assim, a falta de adubos não seria eliminada no mundo inteiro. Haveria apenas um alívio que dependeria de quantas fábricas fossem construídas e da rapidez da construção.

A falta e os preços elevados das matérias-primas não serão fatores limitantes para o desenvolvimento das indústrias de fertilizantes nos anos. O que deverá haver é uma colaboração entre os países para o aproveitamento das matérias-primas disponíveis.

E, finalmente, o Dr. Ewell conclui que os preços de fertilizantes irão subir mais. Os preços dos produtos alimentícios também aumentarão. Os agricultores não usarão menos fertilizantes. Ao contrário, deverão usar mais



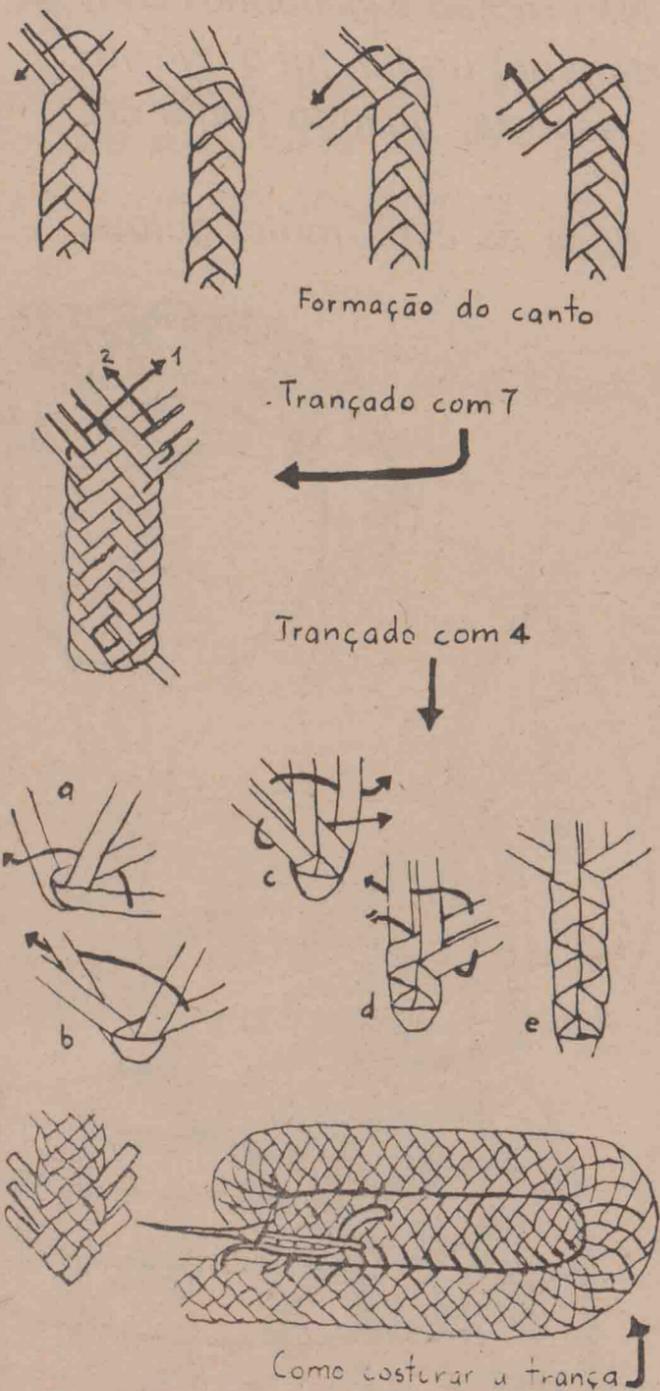
Suplemento Infantil – COTRIJORNAL – novembro/74

Alô, pessoal.

ACHE O CAMINHO DO PÉ À IDEIA



ELABORAÇÃO:
Escolinha de Arte da FIDENE



Como aproveitar a palha de trigo?

Da palha de trigo, centeio ou aveia, você pode fazer coisas muito bonitas. É só ter um bocadinho de paciência, um pouco de imaginação e... começar. Você pode fazer esteiras, chapéus, cestas, bolsas ou enfeites, como bonecos e bichos, ou ainda, estrelas para árvores de natal.

Antigamente, muita gente fazia artesanato em palha. Depois, as pessoas preferiram comprar as coisas já prontas nas lojas. Estas coisas, apesar de mais feias (geralmente de plástico), eram consideradas mais "chiques" do que o chapéu ou a bolsa feita de palha. Hoje está-se dando novamente um valor muito grande às coisas artesanais, feitas pela gente mesma e usando o material da natureza.

Se você tem a sorte de ter uma pessoa na família ou na vizinhança que saiba trabalhar com palha de trigo, dê um jeito de aprender com ela. Se você não encontrar ninguém, leia estas dicas:

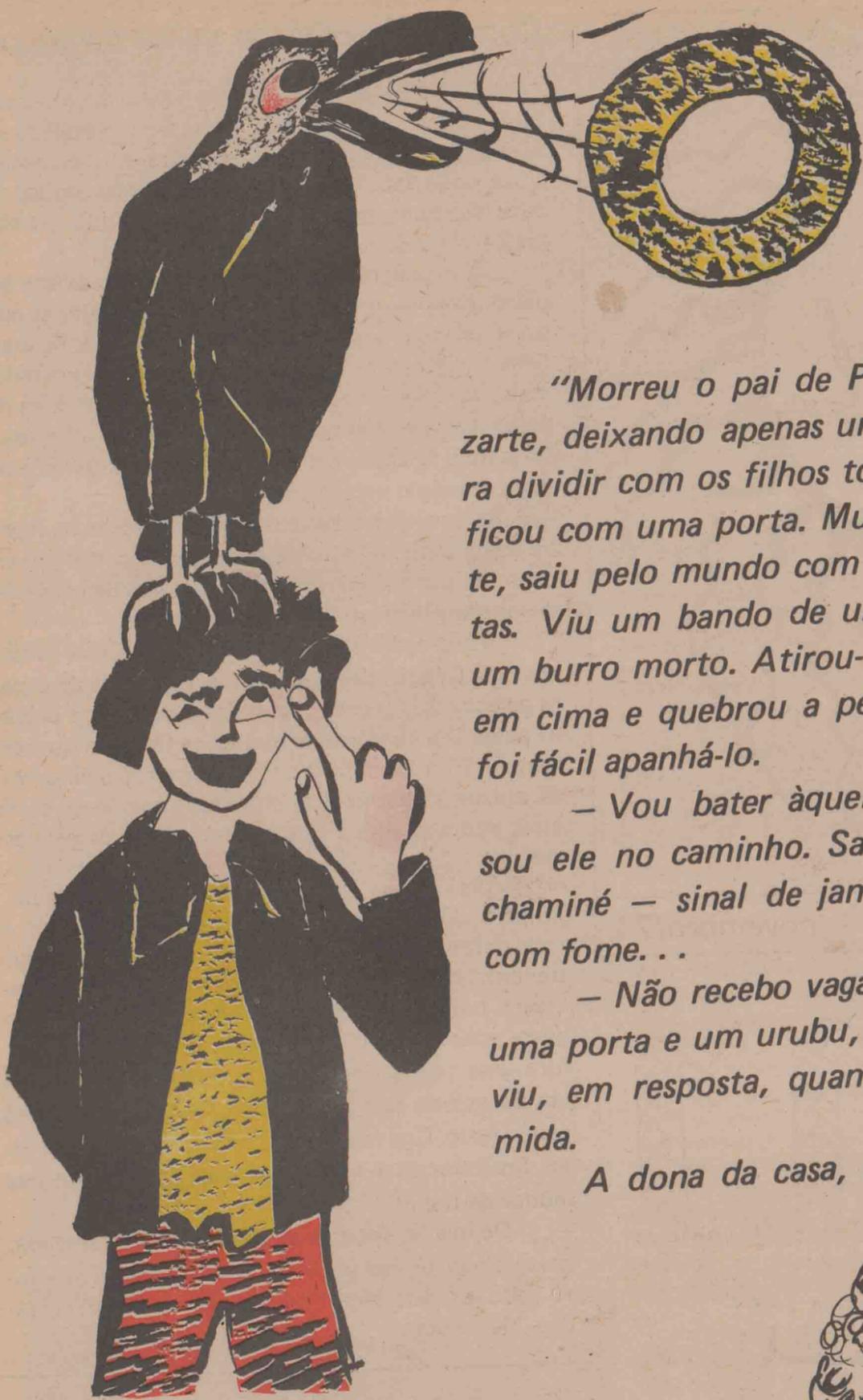
Você colhe a palha e limpe-a das folhas presas aos nós. Depois, deixe a palha de molho na água para amaciar. Se for água fria, há necessidade de deixar a palha 8 a 10 horas de molho; se for água quente, bastam 10 a 20 minutos. Para trançar, é melhor você utilizar as partes lisas entre dois nós. Você corta estes pedaços com a tesoura e classifica-os pela espessura.

A trança de palha você deve trabalhar de baixo para cima. O mais importante neste trançado é você dobrar bem a palha no ângulo certo e fazer um trançado bem firme. (Depois de seca, a palha encolhe e o trançado afrouxa). Para emendar um pedaço novo, você coloca-o sobre o anterior, deixando para fora uma ponta de uns dois centímetros, e trança um pedacinho com palha dupla. Depois continue só com o novo. Quando a palha está seca você corta estes finzinhos. Nas ilustrações você pode ver alguns modos de trançar.

Depois de prontas as tranças você as emenda, costurando. O que você vai fazer e a forma que você vai dar a este objeto, dependem de sua imaginação. Mão a obra!



Na próxima página, a história do Urubú Falante. E depois, invente você uma outra. Se você quiser, a sua história também pode ter bicho que fala. Mostre que você é um bom contador de "causos". Tente escrever do jeito como se você estivesse contando a história para um amigo. Se você quiser, você pode se reunir com alguns amiguinhos e, juntos, inventar a história. Depois, mande para o Cotrisol. Mas mande logo, sim?



URUBU

TEXTO de M. T. Cunha de Giócomo — Coleção E

“Morreu o pai de Pedro Malazarte, deixando apenas uma casa para dividir com os filhos todos: Pedro ficou com uma porta. Muito contente, saiu pelo mundo com ela nas costas. Viu um bando de urubus sobre um burro morto. Atirou-lhes a porta em cima e quebrou a perna de um; foi fácil apanhá-lo.

— Vou bater àquela casa, pensou ele no caminho. Sai fumaça da chaminé — sinal de jantar! E estou com fome. . .

— Não recebo vagabundos com uma porta e um urubu, foi o que ouviu, em resposta, quando pediu comida.

A dona da casa, muito gulosa,

aproveitava uma viagem de e estava preparando um l

Assim mal recebido é lazarte não ficava! Trepou do, com a porta a lhe servi da. E viu tudo! Viu o que casa e a criada preparavam.

Anotou de cabeça pratos. Neste instante chegou, que havia desistido de

— Que pena, marido mulher muito fingida ab Só tenho carne seca, feijão e farinha para o jantar. Se sasse, teria feito coisa melh

Já estavam à mesa q lazarte bateu de novo à p o urubu debaixo do braço.

— Outra surpresa, maridinho querido!

E lá veio o peru.

Depois vieram os doces, as frutas, as bebidas. . . Malazarte relutou muito, mas acabou vendendo caro o urubu encantado ao dono da casa. “Este urubu vai ser um espião aqui”, bufou consigo mesma a dona da casa.

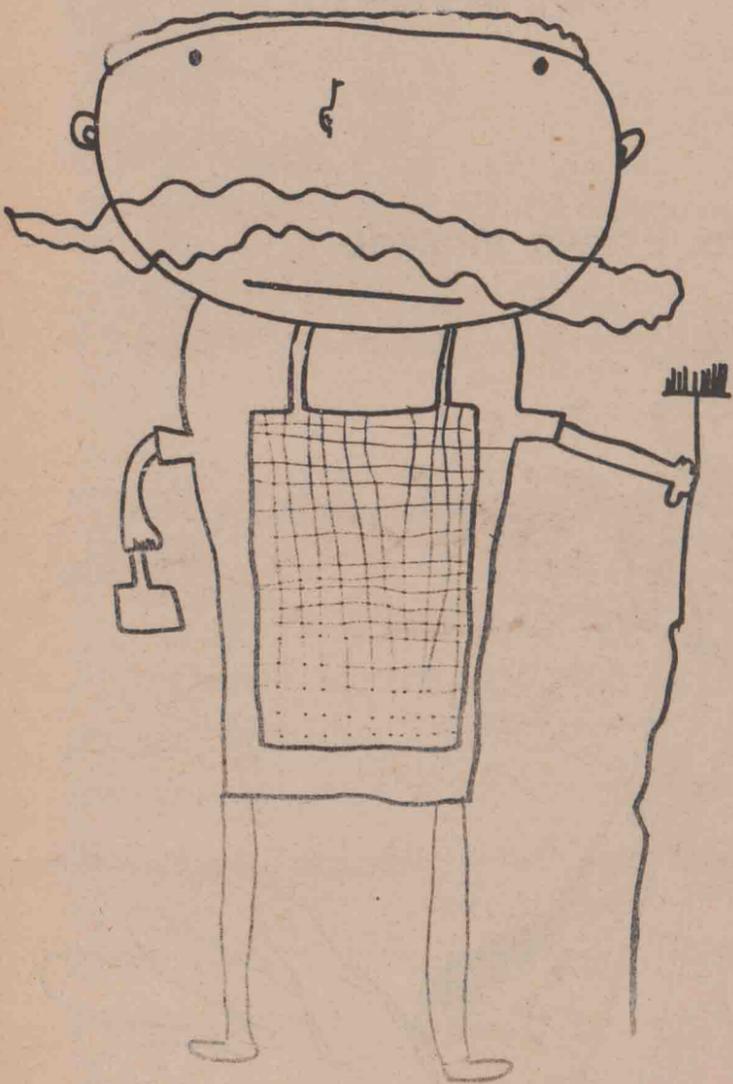


LIVROS PIAÇOS

Para os que gostam de ler e não sabem o que ler...

Este livro conta a história de um menino, chamado Tistu, que tinha um polegar verde. Ninguém desconfiava disto, pois, aparentemente, o dedo de Tistu era como qualquer dedo de qualquer outro menino. Tistu além de ter um polegar verde, era um menino que pensava "que o mundo podia ser bem melhor do que é" e por isto transformava tristeza em alegria. Uma série de coisas começavam a acontecer: — uma cadeia feia e triste, cheia de grades e guardas se transforma em jardim; — uma menina muito doente fica com vontade de viver porque no quarto do hospital onde estava, cresceram, da noite para o dia, flores e mais flores; — uma guerra não acontece porque os canhões, em vez de pólvora e morte, lançam flores, — uma fábrica não produz mais canhões, nem espingardas, nem pólvora. E uma cidade inteira se transforma...

O livro se chama: "O Menino do Dedo Verde". É da Editora José Olympio, escrito por Maurice Druon e traduzido por D. Marcos Barbosa.



O Marcos K. (8 anos) que leu "O Menino do Dedo Verde" desenhou o Sr. Bigode, um jardineiro com um enorme bigodão, e que é uma pessoa muito importante na vida de Tistu.

O HOMEM PRIMITIVO



O homem primitivo, quando lançou à terra a primeira semente foi movido, sem dúvida, pelo temor da fome. A escassez da caça e a insuficiência dos alimentos nativos, a incerteza do amanhã, o levaram ao trabalho agrícola.

Este homem grudou-se à terra, ao sol, ao vento e à chuva, dos quais dependia o crescimento do grão. A semente passava pela mão do homem, parecia sair dela. O grão estava profundamente vinculado a este homem que cada dia o via crescer.

O grão...Veja como é feito o grão de trigo, e porque ele pode logo mais se transformar numa pequena planta.

A casca é para proteger os elementos que estão no interior. É como se fosse o chapéu, para proteger os miolos do agricultor. O GERME, é uma pequena parte que quando colocada sob certas condições começa a brotar e faz nascer a nova planta. O ENDOSPERMA é aquilo de onde se pode tirar a farinha para fazer o pão.

É isto, o GRÃO.

Para plantar e para colher hoje temos máquinas, plantadeiras, ceifas. Quando a ceifa era realizada por processos manuais, cortava-se o trigo quando o grão, já amarelo, ainda podia ser fendido com a unha.

O trigo assim era colocado em feixes, que arrumavam-se em medas. Uma meda tem 15 feixes e mais um, posto em cima em posição invertida. Assim, se completava a secagem.

Depois o trigo era levado ao terreiro, onde era batido manualmente. É a debulha ou a trilha. Em alguns lugares isto era feito com o pisoteio de animais domésticos.

Hoje, a máquina tornou tudo mais fácil. Antes, apesar de difícil, talvez até fosse divertido. E o pão devia de ter um gosto todo especial.

